

MEDICINA·NA·BEIRA·INTERIOR
DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XIX



CADERNOS DE CULTURA

N.º 1 - Novembro de 1989

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Preço: 500\$00

MEDICINA·NA·BEIRA·INTERIOR DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XIX



Cadernos de cultura

Director: António Lourenço Marques
Editor: António Salvado

N.º 1 — NOV. 89

Publicação não-periódica

Correspondência para:
Urb. Qta. Dr. Beirão — Impasse 7, 23, 1.º E
6000 Castelo Branco — Portugal
Telef. (072) 22471

SUMÁRIO

MEDICINA E CULTURA	3	- PROGRAMA. ACTIVIDADES. NOTICIÁRIO DA IMPRENSA.....	36
MÉDICOS ESCRITORES DA BEIRA INTERIOR ARMANDO MORENO	4	ENCONTRO INTERDISCIPLINAR EM CASTELO BRANCO	36
POSSIBILIDADES DE ACESSO AO MÉDICO DIPLOMADO NA BEIRA DE QUATROCENTOS IRIA GONÇALVES	11	JORNADAS SOBRE MEDICINA NA BEIRA INTERIOR	37
JOÃO RODRIGUES DE CASTELO BRANCO E A SOLIDARIEDADE MÉDICA NA LUTA CONTRA A DOENÇA E A MORTE ALFREDO RASTEIRO	16	MEDICINA NA BEIRA INTERIOR - TEMA DE JORNADAS DE ESTUDO	37
ANTÓNIO NUNES RIBEIRO SANCHES - O MÉDICO HIGIENISTA (1699-1783) FANNY ANDRÉE FONT XAVIER DA CUNHA	19	JORNADAS MÉDICAS NA BEIRA INTERIOR	38
PLÁCIDO DA COSTA, UM BEIRÃO QUE TRIUNFA NO LITORAL AMÉLIA RICON FERRAZ	28	PROGRAMA	39
EPISTEMOLOGIA DO SENESCER - DOENÇA, DOENTE, SAÚDE E MORTE JOSIAS GYLL	31	A VIDA E A MORTE NA BEIRA INTERIOR DOMINARAM JORNADAS MÉDICAS	40
AS I JORNADAS DE "MEDICINA NA BEIRA INTERIOR - DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉC. XIX"	36	MEDICINA NA BEIRA INTERIOR PELO PE. DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE	41
		JORNAL DE HISTÓRIA DA MEDICINA NA BEIRA INTERIOR - PARA O ANO HÁ MAIS	42
		HOMENAGEAR AS CENTENAS DE BEIRÕES	43
		O DESENVOLVIMENTO DAS JORNADAS	44
		EXPOSIÇÕES: UM COMPLEMENTO	45
		FERNANDO NAMORA	46

Pela Colaboração prestada à realização das *I Jornadas de História da Medicina na Beira Interior*, os nossos agradecimentos a:

- Biblioteca Municipal de Castelo Branco
- Formandos do Curso de Técnicos Auxiliares de Museografia do Museu Tavares Proença - Escultor Jorge Melício
- Enf. Preto Ribeiro
- Águas do Alardo
- Centro Médico de Castelo Branco
- Banco Português do Atlântico
- Ciba Geigy

Medicina e Cultura

Os trabalhos incluídos neste primeiro número de *Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc. XIX* pertencem ao corpo das dezoito comunicações originais que foram apresentadas durante as I Jornadas de História da Medicina da Beira Interior realizadas na Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco, nos dias 31 de Março, 1 e 2 de Abril de 1989. Cumpre-se assim uma estimulante exigência dos participantes no acontecimento cultural e que ficou expressa numa das conclusões.

De facto, o primeiro conjunto de artigos que agora se dá a público constitui um importante trabalho de pesquisa, investigação e interpretação dentro de diversas ramificações do saber e tendo sempre como objecto a realidade da medicina e das suas manifestações na nossa região, na perspectiva cultural e temporal que se escolheu.

O vasto noticiário que completa este número testemunha o cumprimento do propósito inicial, sobressaindo ainda a intenção de, através da realização de novos Encontros, se prosseguir no labor de estudo com vista ao desenvolvimento da coordenada que nos norteou.

Os números seguintes ao presente caderno publicarão as restantes comunicações, para lá de outros artigos inéditos e de diverso noticiário sobre a mesma realidade cultural.

Medicina na Beira Interior propõe-se levar a efeito as II Jornadas em data do próximo ano, a anunciar oportunamente.

Ate lá, acolheremos com o maior interesse toda a colaboração que investigadores e estudiosos nos queiram proporcionar destinada a futuros números ou visando já as referidas II Jornadas.

MÉDICOS E ESCRITORES DA BEIRA INTERIOR

Armando Moreno*

Os textos, meditações e trabalhos legados por médicos constituem, como é sabido, uma parte importante da Literatura mundial. Sem Axel Munthe, Tcekhov, Schweitzer, J. Cronin, Pitigrilli, o panorama artístico das letras seria mais pobre.

No que diz respeito especificamente ao caso português, o mesmo se pode dizer. Logo nos alvares da nacionalidade os médicos portugueses passaram para a escrita as suas meditações, a sua experiência, do que resultou um manancial de textos avoengos de interesse filológico e literário que ultrapassa a importância científica que, na época, lhes deu renome e cobriu de glória os seus autores.

A Beira Interior tem largas tradições na nossa Literatura. Ao meu gosto pessoal, amante inveterado do conto literário, bastaria recordar o nosso primeiro contista, Gonçalo Fernandes Trancoso, cuja obra não teve paralelo por três séculos. Sem este homem de Letras o conto literário em Portugal teria surgido apenas no século XIX.

No que respeita a obras legadas por médicos, sobressaem nomes de brilho ímpar, sempre recordados, sempre laureados. Amato Lusitano e Ribeiro Sanches, são nomes que qualquer português de média instrução conhece ou já ouviu. Mas será mais interessante enquadrar estes nomes numa pequena historiografia que dê coesão e perspectiva aos textos, acompanhando estes nomes de outros que, menos conhecidos, dão o pulso de uma cultura que resulta de uma evolução mais do que de marcos fundamentais. Deste modo, poderemos percorrer aspectos valiosos da própria História de Portugal porque aqui nasceram homens que dedicaram a sua vida a quadrantes diversos da Ciência, da Arte, da Navegação, da Política, da Linguística. E tudo isto se pode encontrar nos textos legados por médicos.

OS PRIMÓDIOS

No século XV escreveu Portugal as páginas mais gloriosas da sua História, nanja os neo-pseudo-filósofos nacionais que pretendem transformar essa glória em desgraça, contra a força inevitável da opinião mundial. Homens de vontade, de querer e de saber profundo, lançaram-se na obra enorme, rendilhada de pormenores soberbos, de que os escritos da época nos dão testemunho. Se nos quedarmos a pensar na obra ingente que constitui a simples escrituração de *Os Lusíadas*, não a sua concepção mas o acto de escrever com o material da época, pena e papel, os dez cantos, muitas vezes em locais adversos, se compararmos esse trabalho com o que realizamos nas condições actuais, poderemos, de modo pálido, entender a dimensão do desvario que leva alguns portugueses de hoje a arrogar-se o direito de criticar, enrolados num corpo atrofiado, a obra gigantesca que o mais humilde calafate desenvolveu.

A partir de 23 de Maio de 1536 passou a Inquisição a ser exercida por tribunal especial, tendo sido nomeado Inquisidor-Mor Frei Diogo da Silva. Três anos depois, passando este cargo para as mãos do Infante D. Henrique, os processos utilizados atingiram

a dramaticidade conhecida. Muitos dos médicos de então eram cristãos-novos, o que provocou a sua fuga para o estrangeiro. Tal foi o caso de João Rodrigues de Castelo Branco, conhecido por Amato Lusitano. Nasceu em Castelo Branco em 1511 e faleceu no ano de 1568. De origem hebraica, frequentou a Universidade de Salamanca que alcançara, na época, especial prestígio, constituindo-se no local de encontro dos portugueses estudiosos de então. O meio académico não era o mais propício ao estudo a ponto de merecer a intervenção do próprio Papa, mas João Rodrigues não se deixou enredar pelos hábitos tumultuosos dos seus companheiros.

O bacharelato em Artes constituía preparação obrigatória para o ingresso no estudo da Medicina. Uma vez terminada esta formação, frequentou as aulas de Medicina e de Cirurgia, disposição pouco comum na época, já que esta, ligada a barbeiros e sangradores, era tida como actividade de segunda categoria.

Terminado o curso, apenas com 18 anos, foi de imediato encarregado da direcção de enfermarias cirúrgicas, cargo que exerceu por pouco tempo,

regressando a Portugal no ano de 1529.

Passando em Castelo Branco, seguiu para o Sabugal, Guarda e Almeida, a fim de encontrar-se com seu irmão. Durante toda esta cavalgada apeou-se para estu dar, sobretudo para observar plantas e outros aspectos da natureza, tomando também notas de casos clínicos interessantes. Por fim, depois de uma vida errante pelo País, fixou-se em Lisboa e aí exerceu as suas actividades.

Os ventos agrestes da Inquisição faziam-se anunciar, pelo que trocou a capital portuguesa por Antuérpia onde se refugiavam muitos dos hebreus de então. Gran jeada a fama e obtido o proveito, escreve *Index Dioscorides* que correu o mundo europeu e lhe abriu as portas do convívio em vários países. Bem viria a precisar de tal ocorrência. Ao cabo de sete anos de actividade em Antuérpia, viaja para Ferrara com o propósito de ocupar o lugar de catedrático. Ali continua as suas observações sobre a flora e desenvolve o estudo do cadáver que lhe permite descobrir a existência de válvulas na veia ázigos. Enquanto se entrega diligentemente ao seu trabalho, outros se encarregam de alterar o ambiente social em Ferrara. Mais uma vez os ventos da perseguição fazem-se sentir e o médico decide passar a Veneza onde, de novo, recolhe os louros do seu labor. Passa a Ancona onde encontra dois médicos portugueses que lhe abrem o caminho.

Senhor de notável experiência, vasta erudição, espírito observador e esclarecido, decide-se a escrever sobre todo este manancial e trabalha na Primeira *Centúria de Curas Médicas*, de elevado valor clínico, escrita elegante e clara. Utiliza agora o pseudónimo de Amato Lusitano, sob cujo étimo vai ser conhecido no mundo da Ciência. Dois anos depois tem pronto um novo trabalho *In Dioscorides Anazarbei*, e prepara os *Comentários sobre a Quarta Fen do Livro I de Avicena*, obra que vai ter continuação em análises sucessivas.

Mas a perseguição encontrava-se no auge e de Ancona segue para Pesaro, depois para Ragusa onde se mantém durante três anos. Difamado por um colega de mister, vê-se forçado a mais uma fuga, até atingir Salónica, no Mundo Islão, onde, definitivamente, fica fora da alçada da Inquisição. Está já a escrever a Sétima *Centúria*. De novo granjeia a fama e, tempos depois, a morte ceifa-o com a idade de 57 anos.

Assenta verdadeiramente neste homem o epíteto de judeu errante. Mas o País que lhe serviu de berço e a sua terra natal souberam, assim que a loucura fanática foi varrida, procurar-lhe o rasto e inscrever o seu nome entre os maiores da sua História.

A mundividência do português desta época afigura-se hoje profética. Isolado numa peninsularidade decisiva, de costas voltadas para a Europa, é notável como insistentemente procurou

evadir-se das fronteiras, buscando no exterior contactos e fama, subtraindo-se ao isolamento a que estava condenado. Esta sede de contacto conduziu a que muitos dos nossos médicos mais ilustres deixassem o País como aconteceu com Eliau Montalto. Natural de Castelo Branco, usava também o nome de Filoteo Eliano. Foi um homem profundamente religioso que dedicou grande parte da sua actividade literária à feitura de textos sobre a Sagrada Escritura.

Terminados os estudos em Espanha, no ano de 1598, seguiu para Liorne e Veneza onde foi apresentado à rainha Maria de Médicis que o tomou para seu médico. O fervor religioso fê-lo impor a condição de poder entregar-se às práticas que eram proibidas em França.

Alcançou grande fama e prestígio na corte e, quando morreu em Tours, a 16 de Fevereiro de 1616, o seu cadáver foi embalsamado a mando da própria rainha.

PERÍODO INTERMÉDIO

Ao dobrar do século XVIII outro grande médico haveria de deixar o País assustado pelos rigores da Inquisição: Ribeiro Sanches. É curioso notar como este médico do setecentos per correu um trajecto, no caminho da expansão científica e clínica, sobreponível aos seus colegas do século XVI ou, de outro modo, é importante notara influência nefasta da Inquisição, provocando o exílio de elevados valores da nossa cultura, absorvendo, como refere Antero de Quental, grande parte da responsabilidade nas *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*. Ainda hoje está inculcada no espírito dos portugueses de todas as classes e níveis de instrução a necessidade de aprovação no estrangeiro das suas capacidades, ideia traduzida pelo aforismo *ninguém é rei na sua própria terra*. Fora de Portugal evidenciou-se Ribeiro Sanches, tornando-se num dos mais celebrados médicos do seu tempo. Os textos que deixou valem pelo timbre educador mas, sobretudo, pela influência que tiveram na remodelação do ensino em Portugal.

Cresceu Ribeiro Sanches entre livros e aos 12 anos entendia o castelhano e o latim. De origem judaica, cedo se viu assustado pela Inquisição, embora em Penamacor, onde nasceu a 7 de Março de 1699, a acção inquisitorial tivesse chegado mais tarde.

Depois de uma breve estadia na Universidade de Coimbra, frequentando Direito, transferiu-se para Salamanca. Terá sido, em parte, a sua débil qualidade

física que despertou nele o interesse pelas Ciências Médicas, levando-o a ler com voracidade os tratados dos colegas médicos. Doutorado em Medicina, por unanimidade do júri, regressou a Lisboa onde exerceu a sua actividade profissional seguindo depois como clínico para Benavente onde se manteve dois anos. É fácil aceitar que a resolução de sair do País tenha algo a ver com as perseguições que sofriam os hebreus, mas também não custa a admitir que tenha sido movido pela curiosidade científica. Atravessou a França e a Holanda e fixou-se dois anos em Inglaterra. Depois matriculou-se em Leyde para ser aluno de Boerhave, tendo sido indigitado para médico da czarina da Rússia, Ana Ivanovna. Alcançou grande prestígio e falava português, castelhano, francês, inglês, italiano, alemão, russo e flamengo, além do latim. Nomeado médico dos exércitos russos, teve oportunidade de observar numerosos casos e enfermidades. Por fim, a czarina ofereceu-lhe o cargo de médico oficial da Côrte. Ligado de perto a grandes personagens, foi com estas arrolado quando as tempestades políticas as fizeram cair em desgraça. Mas o julgamento isentou-o, acabando por ser nomeado Conselheiro do Estado da Rússia, em razão dos altos serviços médicos prestados.

Sentindo-se fraco e envelhecido, retirou-se para Paris.

Ocorrido o terramoto de 1755, o Marquês de Pombal recorre a quantos podem dar contributo válido para a reconstrução física, moral e cultural da capital portuguesa. Entre os consultados figura Ribeiro Sanches. As respostas que dá ao Governo português vêm a constituir obras de elevado valor, em vários capítulos do Pensamento. A referência a qualquer deles é evocação de uma obra válida e consequente: *Cartas Sobre a Educação da Mocidade, Dificuldade que Tem o Reino Velho em Emendar-se, Método para Aprender e Estudar Medicina, Origem da Denominação de Cristão-velho e Cristão-novo em Portugal* são obras que ultrapassam o carácter médico, constituindo fonte de orientação para o ministro de D. José, empenhado na reforma do ensino.

Gasto pela experiência e, sobretudo, pelo esforço dispendido nas campanhas russas, mantém-se em Paris onde é agraciado pela czarina Catarina, sua antiga doente, com o Brazão de Armas Russas e uma tença anual de 1 000 rublos. Escreve com afinco as suas meditações. Veio a falecer a 14 de Outubro de 1783.

Uma vida tão variada e rica tem de ser recheada de episódios interessantes como de facto foi. Legou à sua profissão, ao País e ao mundo uma obra capitosa que nenhum português minimamente culto deve desconhecer.

A obra de Ribeiro Sanches, a sua própria vida, não merecem ser resumidas. Existe um sem número de

pequenas situações e, nos textos, minúcias de descrição que devem ser referidas. O peso da experiência transparece nos seus registos é a lufada de ar que ajudou a imprimir às Letras portuguesas, em paralelo com outros notáveis do seu tempo, só pode ser comparada, nas devidas proporções, com o que fizeram os homens do Renascimento.

Valeu também o sentido pedagógico para influenciar o seu sobrinho, Manuel Henriques de Paiva, médico natural de Castelo Branco, que deixou obra de mérito embora longe de alcançar o fulgor da do seu tio.

Nascido a 23 de Dezembro de 1752, foi uma personalidade eclética e viveu uma existência conturbada, ferida pela incompreensão e fanatismo dos seus compatriotas.

Repartiu os seus estudos por duas áreas: a Botânica e a Medicina, tendo ainda exercido as funções de Lente de Filosofia na Universidade de Coimbra. Cedo seguiu o exemplo do tio, animando serões de natureza científica na sua casa em Celas.

Possuidor de vários graus académicos, membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, foi proposto, em razão dos seus trabalhos na área da Botânica, pelo pró prio Lineu para membro da Academia Sueca de Upsala.

Mas ontem, como hoje, o poder das ideologias políticas sobrepunha-se à força da estatura científica. Tendo declarado que o exército português não possuía arcaboço para deter a marcha de Napoleão, caiu em desgraça, foi banido da Academia Real das Ciências, julgado como jacobino e deportado.

Os ventos da revolução varriam a Europa e os ideais encontravam-se abalados pelas reviravoltas e sujeições a que gerações sucessivas foram submetidas desde a morte de D. Sebastião.

Oscilações fundamentais em relação ao poder, à projecção, glória e saber, desencontros entre a capacidade económica que então começava a organizar-se na Europa e o luxo, tudo isto desenvolveu o recurso à valorização da aparência que atingiu, na escrita como na vida social, a expressão do panegírico. Esta valorização do demagógico esteve na base da expulsão do País de Manuel Henriques de Paiva.

Uma vez na cidade da Baía, recomeçou o seu labor científico em toda a extensão das suas capacidades, tendo alcançado, de novo, os caminhos da fama.

Deve salientar-se a visão modernista deste homem de Castelo Branco. Se Ribeiro Sanches, seu tio, soube guindar-se aos mais altos expoentes do Conhecimento da época, Manuel Henriques de Paiva pode considerar-se um precursor. Previu, com elevada clareza, a importância do adubo na fertilização da terra e, na arte médica, preocupou-se especialmente com as situações de urgência e ainda com a educação mental de crianças e velhos.

Estes três campos constituem hoje matéria de notória importância e pode dizer-se que o médico português os denunciou *avant-garde*. Deve ainda salientar-se que foi o primeiro autor português a publicar um livro sobre a importância da Educação Física no desenvolvimento da criança. É curioso ainda observar como, em tal época, o título de quatro dos seus trabalhos começa por: *Aviso ao Povo...*

Maior modernidade não pode ser exigida.

Acalmados os ânimos em Portugal, foi convidado a regressar, por decreto de D. João VI que o reabilitava e lhe concedia todas as suas prerrogativas, o que recusou. Dedicou o seu tempo ao estudo dos processos mórbidos de urgência, nomeadamente a mordedura por insecto e a paragem cardíaca. A sua experiência de viajante marítimo levou-o a escrever sobre os conhecimentos que deve ter um médico de bordo.

Faleceu na cidade da Baía a 10 de Março de 1829.

A luta de portugueses contra portugueses, que em períodos mais primitivos se desenrolou à custa de ideologias religiosas, foi substituída assim que estas perderam a hegemonia, pela ideologia política, pretensamente patriótica.

Uns quantos, arregalados em interesses mais imediatos, entregaram-se a uma actividade profíqua, na maioria dos casos ignorada. É o caso de Jorge Gaspar de Oliveira Rolão. Natural de Alpedrinha, onde nasceu a 23 de Abril de 1783, não pode considerar-se um escritor laborioso. Doutorado pela Universidade de Coimbra no ano de 1809, exerceu clínica na sua terra natal.

Veio a falecer a 3 de Novembro de 1833.

Os trabalhos deixados por este médico têm fraco valor literário. Deve referir-se, no entanto, alguma elegância descritiva e poder de observação, sobretudo no que refere ao trabalho *Breve Descrição Topográfica da Vila de Alpedrinha e seu Distrito de Castelo Branco*.



PERÍODO RECENTE

Se os nossos médicos dos séculos XIV, XV, XVI e XVII se viram perseguidos por motivos religiosos, tendo os mais eminentes sido obrigados a abandonar o País, os dos séculos XVIII e XIX foram, em frequentes casos, perseguidos por motivos políticos. Do primeiro caso são exemplo, a nível dos naturais da Beira Interior, Amato Lusitano, Eliaú Montalto, Ribeiro Sanches; do segundo Manuel Henriques de Paiva e Miguel António Dias.

Entretanto, o interesse pela actividade social não esmoreceu no País. Miguel António Dias deixou uma obra valiosa em que se destacam os textos dedicados ao estudo da actividade maçónica.

Nasceu na Covilhã, a 4 de Fevereiro de 1805. Tendo-se envolvido nas lutas em que o País se encontrava mergulhado, interrompeu a frequência da Universidade de Coimbra, emigrou para a Galiza, depois para Inglaterra, França e acabou por frequentar a Universidade de Luvaina onde se doutorou em 1833.

Regressou a Portugal, tendo exercido clínica e mantido actividade política, chegando a desempenhar o cargo de Secretário Geral do Governo Civil de Santarém.

O entusiasmo, diria, fervor político e partidário estão na base de muitos dos escritos deixados pelos médicos desta época, conturbada pela agitação e guerra civil. Miguel Dias foi mais um dos médicos que se viram forçados ao exílio, embora tenha regressado assim que os ventos se tornaram favoráveis. Os seus escritos reflectem toda esta agitação.

É interessante observar, através da leitura dos *Anais da Franco-maçonaria*, o tom sigiloso e heráldico que dá o timbre da Organização. Miguel Dias, depois de desenvolver um bosquejo histórico a nível geral, debruça-se sobre a instalação em Portugal, referindo Tomar como a cidade berço. No seu escrito, mostra uma erudição vasta e capaz, entrelaçando elementos de natureza histórica com referências literárias. Não se limita o autor a registar os anais da Franco-maçonaria; antes se espraia pela instalação e desenvolvimento da Ordem em vários reinos, nomeadamente em Portugal.

O processo de registo é claro, disposto por anos de actividade, dando jus ao título. Termina a primeira parte do escrito emitindo a seguinte opinião: *Os Modernos erram sempre; porque, não fazendo mal, deixam de fazer o bem que deviam e que podiam.*

O drama *Salomão* obedece, naturalmente, ao uso e correntes literárias da época. O autor mandou imprimir no rosto a explicação: *Drama Alegórico em*

5 *Actos*, mais ou menos o que se encontra salvaguardado hoje pela frase: esta obra é ficção; qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência. Nas primeiras frases encontra-se definida a natureza neo-clássica da obra. Nota-se ainda a minúcia sobre os locais para onde os actores devem olhar; a mesma minúcia é indicada no que refere às decorações.

Depois de toda esta vida agitada Miguel António Dias veio a falecer em Torres Novas a 23 de Janeiro de 1878.

Mais modesta foi a obra legada por Bernardo António da Serra Mirabeau que se limitou a escrever sobre assuntos pontuais.

Nasceu na Covilhã a 12 de Dezembro de 1863, tendo estudado na Faculdade de Medicina de Coimbra, onde se formou.

Doutorado a 17 de Junho de 1889, foi regente da cadeira de Fisiologia Especial e Higiene Privada e Director da Biblioteca e da Imprensa da Universidade. Exerceu ainda o cargo de Director do Hospital da Universidade.

Não pode dizer-se que foi um cultor preocupado e interessado da arte de escrever. Os textos que deixou, embora de sabor estilístico, têm principalmente o mérito de registar algumas das facetas e ocorrências que preocupavam a Universidade de então. Pode, pela extensão do período tratado, desde a Reforma da Universidade, considerar-se um historiador-investigador, mas não ombrear com outros médicos a que fazemos referência.

Faleceu em Coimbra a 12 de Janeiro de 1903.

A exaltação ideológica, a sede de liberdade caracterizaram o segundo quartel do século XIX, conduzindo, depois de um período de acalmia, ao desfecho da proclamação da República nos albores do século XX.

A Literatura, dominada pelos efeitos da implantação do Romantismo, sentia a procura intensa de leitores, a que uns atribuem a causa de ser da escrita e outros declaram, simplesmente, ignorar.

Deste modo, incidiosamente, foram-se escrevendo páginas da História da Literatura Portuguesa. O contributo variado, em extrospecção no uso da língua como utilidade, em introspecção utilizando-a com finalidade artística ou como elemento de estudo e teoria, chegou aos nossos dias modificada, adaptada ou, como se pretende hoje, enriquecida. Assunto polémico, merece, pelo menos, meditação a interpretação moderna da língua, em que modificar se entende por enriquecer. Há pouco tempo, os puristas entendiam a modificação por abastardamento, como se a modificação não fosse o sinal de que a Língua está viva. Modernamente, cai-se no extremo oposto, chamando enriquecimento ao que é, apenas, modificação. Para esta

modificação colaboraram todos os que a falaram, todos os que a escreveram, todos os que a estudaram.

A memória do povo é fraca, diz-se. É, talvez, mais acertado afirmar que a sua esperança nunca morre. Mil vezes espeznhado, mil vezes acredita nas promessas. Toda a esperança criada pela Constituição de 1838 se viu gorada a breve trecho. Mas outra fundamental característica do povo português tem sido a sua religiosidade de carácter católico-mágico e foi essa maneira de estar que conduziu ao movimento da Maria da Fonte a que se juntou a Patuleia, de origem burguesa. Recorreu o Governo à intervenção estrangeira para estabelecer o controlo do País, originando estabilidade e amolecimento político. Foi neste período que viveu Ladislau Patrício.

Natural da Guarda onde nasceu a 7 de Dezembro de 1883, frequentou a Faculdade de Medicina de Coimbra. Sediado em Loulé, ali praticou clínica. Tendo regressado à Guarda, exerceu, em paralelo com funções médicas, o professorado. Especialmente interessado pela Patologia da Tuberculose Pulmonar, foi indigitado para vários cargos neste âmbito.

Como escritor deixou textos valiosos, alguns editados quando ainda estudante, nomeadamente no campo da ficção, da crónica e do ensaio literário.

Temos à nossa frente a pequena peça *Casa Maldita*, tragédia rústica em um acto, como se diz no rosto. De verdade, tem tudo de rústico, tem tudo de tragédia. As falas usam palavras utilizadas em meios rurais e não falta no final a fatalidade do assassinato de uma inocente.

Sobre outra obra, *Aquela Família*, podem transcrever-se fragmentos de críticas de jornais da época: *Aquela Família... é o novo livro de Ladislau Patrício que o subtitulou: tipos, caricaturas e episódios provincianos. É tudo isto, efectivamente - e por mão de mestre. Dá o nome ao livro o primeiro episódio que é um achado, tão justo o tom e tão aplicada a tinta. O Sr. Anselmo é uma bela charge, e muito verdadeira, e todo o livro assim. Escrito em boa, simples, correnteza prosa portuguesa e com assuntos que são absolutamente nossos.... (A Luta).... Porque Aquela Família... são quase duzentas páginas de prosa brilhantíssima, cheia de ironia, cheia de humor, de análise e de comentário. Há nelas desde a mancha rútila, espadanante de cor, aureorada de sol, até ao desenho à pena, claro, simples, minucioso, exacto (O Século).*

É sabido e pode concluir-se deste resumo, que as situações sociais e políticas se vertem de modo decisivo sobre a actividade literária. As preocupações de natureza social que abalavam o mundo no final do século XIX encontram-se, assim, presentes nos escritos deixados pelos médicos de então.

José de Paiva Boléo nasceu em Idanha-a-Nova no ano de 1900. Formado pela Universidade de Coimbra, praticamente só deixou textos de temática social. É especialmente curioso o trabalho *Influência do Cinema na Vida Actual*, por um lado porque aponta problemas que podem ser considerados ultrapassados e olhados com a perspectiva da distância, por outro porque podem considerar-se proféticos. Mas o timbre mais importante é o tom paternalista, só possível no período em que foram escritos. As marcas de uma ideologia de Estado, à sombra de uma geminação religiosa, também hegemónica, são claras. Tornam-se, assim, os textos de Paiva Boléo num repositório interessante, no mundo confinado da literatura escrita por médicos, de uma filosofia de equilíbrio social pela intervenção do Estado, o que os torna, de certo modo paradigmáticos.

O virar do século não trouxe grandes modificações à dinâmica da escrita. O Romantismo originou alterações fulcrais que então e ora continuam a constituir matéria de filosofia literária. Como se tal teoria tivesse conduzido a uma situação de impasse, da qual só é possível sair através de um retorno ao passado, por outras palavras, através de um renascimento. É curioso observar como, paralelamente, o conhecimento médico encontrou uma perspectiva de observação da qual não consegue sair: a psicanálise.

Ao compulsarmos o trabalho de Óscar Lopes *Entre Fialho e Nemésio* é possível encontrar a propósito da geração da Presença, 41 filosofias de concepção literária, no estreito espaço de 16 páginas a que corresponde o período literário de uma geração. Ao acaso, citarei: modernismo, saudosismo, integralismo, esteticismo, decadentismo, visionarismo saudosista, realismo, futurismo, criacionismo, agnosticismo, subjectivismo, extremismo-intuicionista, ultra-realismo, transcendentalismo, intervencionismo, abstencionismo, cubismo, anti-racionalismo, naturalismo, anti-formalismo, dadaísmo, individualismo, moralismo, bergsonismo, surrealismo, folclorismo, presencismo, neo-realismo, intelectualismo, simbolismo, epigonismo, convencionalismo, bucolismo, pasturalismo, pós-simbolismo, psicologismo a que se adiciona, como era de esperar, um anti-ismo, decorrente da proliferaçãp exagerada de ismos e que originou o individualismo ou um ismo acima de *qualquer* outro ismo. Esta babilónica situação, da qual só é possível sair através da criação de novo ismo, é a expressão última da criação pelo homem de situações envolventes que originam um processo frequentemente utilizado pela Natureza a que chamamos mutação e que no caso da Arte toma o nome de renascimento. De tal sistema resulta o gosto

pelo estudo de estéticas ou pensamentos avoengos, como fez José Lopes Dias, médico natural de Vale de Lobo, cujo trabalho fundamental consistiu na transversão das Centúrias de Amato Lusitano.

Nasceu a 5 de Maio de 1900. Formou-se pela Universidade de Coimbra, tendo desenvolvido uma actividade médica notável, a nível internacional. Exerceu clínica em Penamacor e depois em Castelo Branco e colaborou em numerosas revistas e jornais de natureza médica. Foi sobretudo historiador. Por via disso se lançou nessa obra tão importante para a cultura beirã, portuguesa e universal que é a preparação da edição das *Centúrias* de Amato Lusitano, a que já fizemos referência.

De visão clara e exposição sóbria, como convém a tal trabalho, colocou Lopes Dias à disposição de quem se interessa pela obra e ainda dos que, por simples deleite, apreciam a leitura, um trabalho que mereceu, na época e durante séculos, o respeito e o estudo de gerações de médicos.

Pode dizer-se que Lopes Dias registou, na Literatura escrita por médicos, um lugar de destaque como estudioso profundo e trabalhador rigoroso.

Entretanto, pelos anos vinte, outro médico se destacou no campo das Letras: José Gomes de Almeida Crespo. Nascido em Gouveia, dedicado a estudos de foro social, deixou páginas saborosas com uma escrita despreziosa e fluida. O seu trabalho *Medicina e Literatura* está composto de modo interessante, demonstrando sagacidade no agarrar das situações e da sua transcrição para o papel como base de meditação para voos mais altos. Em alguns casos, os textos têm interesse pela divulgação de elementos históricos.

Passámos em revista alguns aspectos do legado deixado por médicos escritores da Beira Interior, procurando dar-lhes o enquadramento necessário ao entendimento dos temas a que se dedicaram. O respeito pelos seus livros, muitas vezes esquecidos na poeira das bibliotecas, mais apetitosos para as larvas que os corroem do que para os olhos dos leitores, é, afinal, o respeito pela nossa própria identidade.

Na Torre do Tombo encontram-se grandes alas de estudantes com manuscritos que nunca foram abertos, simplesmente atados como fardos de papel, permanentemente passam por essa Biblioteca dezenas de estudiosos de todo o Mundo, ávidos de descobrir e conhecer o que os nossos avós escreveram. Tudo isso se encontra instalado em fracas dependências do edifício da Assembleia da República. Cabe-nos a nós, portugueses, a tarefa de trazer ao nosso convívio o pensamento desses homens que viverão, certamente, para além de nós próprios. A instalação da Torre do Tombo em edifício adequado e, sobretudo, em local manipulável e próximo da Faculdade de Letras de Lisboa, abrirá,

com certeza, grandes perspectivas para tal tarefa. Então, textos de outros médicos verão a luz do dia e encontraremos mais motivos para nos reunir, saboreando o resultado do seu labor, das suas capacidades, do seu talento.

** Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Nova de Lisboa. Escritor.*



Dr. José António Morão
Retrato a óleo de 1863

POSSIBILIDADES DE ACESSO AO MÉDICO DIPLOMADO NA BEIRA DE QUATROCENTOS

Iria Gonçalves*

É sabido como os médicos de formação universitária e podendo exhibir os respectivos títulos académicos - o de licenciatura e, naturalmente, mais ainda o de doutoramento - foram bem raros durante a Idade Média, até mesmo nos seus derradeiros tempos. Para os encontrar teremos que procurá-los junto do rei e em algumas das mais importantes cortes senhoriais, ou nas urbes mais populosas e ricas, além, como é óbvio, das cidades universitárias. Era assim por toda a Europa. Era assim, também, no nosso país. Não podia ser de maneira diferente na Beira Interior. E aqui, com várias agravantes.

Cidades populosas nunca as houve. No segundo quartel do século XVI, o primeiro momento em que nos é permitido conhecer os gbanitativos populacionais do país⁽¹⁾, Castelo Branco e a Covilhã eram as povoações mais importantes sob o ponto de vista demográfico. Mas, ainda assim, ficavam, a primeira, aquém dos 900 fogos e a segunda um pouco além dos 800⁽²⁾. Penamacor, Trancoso, a Guarda, Monsanto, detinham-se por metade daquela população. Todas à volta dos 400 fogos⁽³⁾.

Cortes senhoriais aqui radicadas também não existiram. O infante D. Henrique, duque de Viseu e senhor de Covilhã, quedava-se, habitualmente, por outras para gens⁽⁴⁾; os condes de Marialva, de Monsanto, outros menores, ou faziam o mesmo ou não tinham, eles próprios, capacidades para atrair os profissionais mais qualificados.

É certo que o rei e a sua corte se deslocavam por todo o país. Com os seus físicos e os seus cirurgiões. Doutores em Medicina, alguns deles. Mas sabemos que a Beira Interior nunca conheceu as preferências dos nossos monarcas medievais. Se visitavam algumas das suas cidades - a Guarda, a Covilhã, o Trancoso, Penamacor, Almeida, Celorico, Pinhel, Castelo Branco ou outras - faziam-no muito esporadicamente e sempre com curtas demoras⁽⁵⁾.

No entanto, ainda mesmo que assim não fosse, o comum dos beirões de Quatrocentos não poderia ter acesso aos cuidados médicos dos físicos cortesãos, não só pela extrema dificuldade em os contactar, como por aquela outra, talvez não menor, de pagar os seus serviços, demasiado caros para bolsas menos recheadas⁽⁶⁾.

Restava a estes nossos avós, como, aliás, à generalidade dos seus contemporâneos, o recurso à consulta daqueles práticos que, obtidos os conhecimentos básicos junto de um médico já experimentado, continuavam depois, pelo exercício da profissão, a ganhar maior ou menor competência e por vezes certa fama, ao menos local⁽⁷⁾.

Todavia, convém não esquecer que a par da prática, alguns destes clínicos possuíam também uma preparação teórica, a qual, embora mínima, certamente, era, ainda assim, importante⁽⁸⁾.

No entanto sabe-se como, ao lado de médicos sabedores e conscienciosos, com longos *curricula*, de bons serviços prestados à comunidade, muitos outros exerciam clínica sem preparação nem competência, o que, como é evidente, acarretava graves prejuízos para a saúde pública.

No nosso país, que se saiba, o problema foi sentido pela primeira vez, a nível oficial, pouco antes de 1338, para mais, quanto a estes, um ensino que não dispunha de qualquer sistema de avaliação de conhecimentos.

Foi, pois, já em pleno século XV, a partir de 1430, que de novo se instituiu, como condição prévia ao exercício legal da medicina e da cirurgia, a obrigatoriedade da prestação de provas de exame, na corte, perante o físico-mor ou o cirurgião-mor, consoante os casos. A respectiva aprovação ficava atestada em diploma próprio, assinado pelo examinador e selado com o selo régio, pendente⁽¹²⁾.

Durante muito tempo foi este o único título autorizado para o exercício da profissão e sobrepunha-se mesmo aos graus concedidos pela Universidade⁽¹³⁾. Dispensados deste exame estavam apenas os lentes com cadeira ordenada de *Física* no Estudo de Lisboa, pois tinham sido examinados

* Professora da Universidade Nova de Lisboa

pelos reitores e lentes da Universidade e considerados competentes para ler a dita ciência⁽¹⁴⁾. Só em 1515 é que esta dispensa se alargou aos doutores e licenciados pelo Estudo de Lisboa⁽¹⁵⁾. Mas só a estes. Os graduados por escolas estrangeiras continuavam obrigados a apresentar-se a exame, para poderem exercer clínica entre nós⁽¹⁶⁾.

Estamos mal informados sobre o conteúdo destas provas e, ainda assim, o que conhecemos é apenas à cerca das de física, porque as de cirurgia, essas, escapam-nos completamente.

Assim, de concreto, sabemos apenas que o exame se compunha de duas partes, uma teórica e outra prática⁽¹⁷⁾, mas que esta podia ser substituída por teste munhos fidedignos, orais ou escritos, de curas anteriormente realizadas pelo examinando⁽¹⁸⁾.

A parte teórica iniciava-se pela leitura, feita pelo candidato⁽¹⁹⁾ mas sob escolha do examinador⁽²⁰⁾, de alguns textos científicos de autores famosos, nomeada mente Avicena⁽²¹⁾, cujo *Canon* era o livro de medicina mais manuseado, também nas Universidades⁽²²⁾. Seguia-se um interrogatório sobre as matérias versadas nos capítulos lidos ou sobre quaisquer outras⁽²³⁾ e o examinando era avaliado, não só pela forma como respondera aos quesitos, mas também pela maneira como lera os seus pontos de exame⁽²⁴⁾. É que a estes homens era, senão exigida pelo menos valorizada, uma sólida cultura. Essa cultura manifestava-se, além do mais, no domínio das línguas, sobretudo do latim⁽²⁵⁾, em que a maioria dos textos se encontrava escrita, mas também do hebraico e, eventualmente, do árabe⁽²⁶⁾. Sabemos, aliás, por um lado, como a maior parte dos nossos físicos - e também cirurgiões - era constituída por judeus que, pelo menos como língua de culto utilizavam o hebraico e, por outro, como a Córdova islâmica se notabilizou pelo brilho que os estudos médicos aí alcançaram e pela influência que exerceram em toda a Península e mesmo fora dela⁽²⁷⁾. A literatura médica aí produzida foi largamente utilizada.

Mas nem todos os físicos deste final da Idade Média foram pessoas cultas. Era, por exemplo, o caso daquele mestre Samuel Abenassel, que vivia na Covilhã e aí praticava, com muita eficiência, a arte da física, fazendo grandes curas, mas que não podia apresentar-se a exame porque não era letrado. Foi preciso que o concelho e os homens bons da vila, apoiados pelo seu alcaide-mor, D. Rodrigo de Castro, fossem apresentar o seu caso ao monarca, explicando como ele era útil à comunidade, para que a sua situação se pudesse legalizar.

D. João II mandou que o físico-mor o interrogasse - naturalmente com dispensa das leituras - e avaliasse assim os seus conhecimentos. Aliás, foi reconhecido que "o dicto mestre ssamoell ssabya fazer alguns boons Remedyos e era bem certo na dicta

arte de fysyca"⁽²⁸⁾. E como ele vários outros, por esse país fora. E como ele, a grande parte dos cirurgiões.

A cirurgia tinha, na Idade Média, um âmbito bastante restrito e um carácter vincadamente manual. O seu domínio próprio era o curativo de feridas, fracturas, luxações, extracção de tumores e abertura de abcessos superficiais, bem como algumas intervenções operatórias pouco complicadas⁽²⁹⁾. Talvez só no domínio da oftalmologia, desde muito cedo erigida em especialidade médica, o trabalho do cirurgião fosse mais delicado e complexo, com resultados por vezes tão brilhantes que chegavam à restituição da vista a pacientes atacados por determinados tipos de catarata⁽³⁰⁾.

Como deixei dito, nada se sabe sobre o teor dos exames cirúrgicos. Mas, dadas as características da profissão, é natural que esses exames consistissem em provas essencialmente práticas, que, tal como no caso dos físicos, pudessem ser substituídas por testemunhos de comprovada credibilidade, além de um interrogatório sobre matérias da sua competência.

Eram estes indivíduos que podiam legalmente cuidar da saúde dos nossos avós de Quatrocentos. Mas como podiam, esses nossos avós beirões, ter acesso aos seus serviços? Onde procurá-los?

Aí começavam um outro problema, a somar aos muitos que a eclosão da doença provocava,

A avaliar pelos diplomas que nos restam, não esquecendo, todavia, que vários foram aqueles que o rolar dos séculos consumiu, na Beira, a oferta deste serviços, além de muito mal distribuída no tempo, foi-o também no espaço.

É certo que os primeiros certificados de habilitações, a nível nacional, nos aparecem avançada já a década de 30⁽³¹⁾, mas só em 1443 a Guarda viu o seu primeiro médico - um cirurgião - legalmente autorizado a exercer a actividade profissional⁽³²⁾. E só passado mais algum tempo, no dealbar dos anos 50, uma outra cidade - a Covilhã - começou a constituir o seu corpo clínico diplomado⁽³³⁾, o qual, aliás, aumentou com relativa rapidez, se firmou e se manteve, durante mais de trinta anos, como o único de alguma importância em toda a Beira Interior. Com efeito, até à década de 80, só na Covilhã havia possibilidade de escolha na consulta de um médico devidamente credenciado. E uma escolha relativamente vasta para a época, pois poderia, eventualmente, dispersar-se por três hipóteses, tanto no que se referia aos serviços do físico como aos do cirurgião, pese embora o facto de que, em um dos casos, ambas as actividades se encontrassem reunidas na mesma pessoa⁽³⁴⁾.

É certo que na Guarda, durante o mesmo período, há notícia de dois cirurgiões que receberam aprovação em exame. Mas a trinta anos de distância um do outro, pelo que não podiam ter exercido clínica,

em conjunto, durante muito tempo⁽³⁵⁾. Também aí não havia possibilidade de escolha. Continua, pois, de pé, o que acima deixei dito.

Aliás, durante todo este período, a Beira Interior só quando D. Afonso IV legislou no sentido de impedir o exercício das profissões médica e farmacêutica a indivíduos sem a necessária preparação, devidamente atestada pelo respectivo diploma de exame⁽⁹⁾. No entanto essa disposição régia não devia ter surtido grande efeito. Além de serem muito poucas as notícias relativas a diplomas obtidos na sequência da sua promulgação - seis ao todo⁽¹⁰⁾ - terminado o governo daquele monarca terminaram também os vestígios da sua aplicação. Teria, provavelmente, caído em desuso. E quase um longo século iria passar-se antes que novas disposições legais viessem repor em vigor as anteriores medidas decretadas por D. Afonso IV.

Entretanto, como é lógico, a medicina continuara a ser praticada, mas sem controlo de qualquer espécie, a não ser aquele que os próprios doentes poderiam exercer, procurando, sempre que possível, um clínico com boas provas já dadas. A saúde dos portugueses estava maioritariamente entregue a curiosos impreparados, cujo número devia, até, ter aumentado, a partir do momento em que uma disposição universitária permitiu que bacharéis e escolares, aprovados por um doutor ou mestre, pudessem fazer leituras públicas sobre as várias disciplinas⁽¹¹⁾. Era assim um ensino que extravasava da Universidade, que se alargava, mas que, naturalmente, perdia qualidade, relativamente a docentes e discentes. E podia oferecer, para além dos atrás referidos, lá mais ao Norte, os cuidados de um físico e um cirurgião, no Trancoso⁽³⁶⁾; cá ao Sul, e já tão deslocados, os de um cirurgião, na Sertã⁽³⁷⁾. Panorama bem pobre e sombrio, mas onde, por isso mesmo, a Covilhã se destacava a uma luz mais viva e até muito lisongeira.

A partir dos anos 80 tudo se modificou⁽³⁸⁾. O número de médicos portadores do respectivo diploma aumentou rapidamente e dispersou-se por toda a Beira. Acompanhando a tendência geral do país. A Covilhã⁽³⁹⁾, a Guarda⁽⁴⁰⁾, o Trancoso⁽⁴¹⁾, continuaram a ser, até ao fim do século, os únicos centros onde se podia falar de um corpo clínico em exercício, mas físicos e cirurgiões aprovados em exame começaram a surgir em outras terras, embora sempre em pequeníssimo número: nunca mais do que dois e na maior parte dos casos apenas um⁽⁴²⁾. Mas agora, na Beira deste final de século, quando a doença chegava, se o paciente preferia um médico bem credenciado, podia procurá-lo não apenas naquelas cidades, mas também em Pinhel⁽⁴³⁾, em Castelo Mendo⁽⁴⁴⁾, em Celorico⁽⁴⁵⁾, em Linhares⁽⁴⁶⁾, em Gouveia⁽⁴⁷⁾, em S. Romão⁽⁴⁸⁾, em Álvaro⁽⁴⁹⁾, no Sabugal⁽⁵⁰⁾, no Fundão⁽⁵¹⁾, em Castelo Branco⁽⁵²⁾, nas

Sarzedas⁽⁵³⁾.

Em qualquer caso podia, eventualmente, deslocar-se a Lamego, mas sobretudo a Coimbra que, aí, as hipóteses de escolha eram francamente melhores⁽⁵⁴⁾.

Continuavam, no entanto, a existir outras soluções para o tratamento médico da doença.

Com a aprovação do exame, o novo clínico recebia autorização para a prática da medicina em todo o país⁽⁵⁵⁾. A menção expressa a esse facto era, possivelmente, uma reminiscência dos tempos em que a profissão médica tinha muito de itinerante, deslocando-se o clínico por cidades e castelos, pelos quais ia deixando dispersos os seus serviços e o seu saber.

Assim, os médicos em trânsito pelos caminhos da Beira - e muitas estradas aqui se cruzavam, ligando o país, comunicando com Castela⁽⁵⁶⁾ - podiam sempre ser consultados. Subsistem, inclusive⁽⁵⁷⁾, notícias de vários médicos castelhanos, já examinados no seu país, mas que se sujeitaram a repetir provas em Portugal, apenas para aqui poderem exercer a profissão, durante as suas deslocações ao nosso país.

Era ainda o domínio da medicina legalizada.

Mas a par desta, não podemos esquecer aquela outra que curandeiros e benzedores praticavam, com grande aceitação do povo. Os homens e mulheres que curavam, no dizer coevo, com ervas e palavras santas, por amor de Deus⁽⁵⁸⁾, eram demasiado numerosos e demasiado procurados para que os possamos ignorar, embora tenham deixado de si muito poucos vestígios e o seu estudo seja, por isso, bem mais lacunar e difícil.

No entanto precisamos tê-los presentes e considerar que, longe de representarem uma medicina alternativa, eles eram antes, para o comum do povo, o primeiro apoio na cura dos seus males. E se uma realidade semelhante a esta se aproximou tanto de nós, em termos cronológicos, não há que estranhá-la e sobretudo menosprezá-la, quando reportada ao já longínquo século XV.

NOTAS

(1) - É sobejamente conhecido o primeiro censo populacional de que existe notícia para todo o país, o chamado Numeramento de 1527-32, para ser necessário fazer-lhe aqui, mais uma vez, demorada referência. É certo que as actas respeitantes a uma grande parte da Beira - grosso modo aquela que constituía a actual Beira Baixa - foram, até há pouco, dadas como perdidas, na sequência do que deixaram dito João Pedro Ribeiro (*Reflexões históricas*, parte II, Coimbra, 1836, n.º 1, pp.1-12) e depois

João Maria Tello de Magalhães Collaço (*Cadastro da população do reino (1527)*. *Actas das comarcas Damtre Tejo e Odiana e Beira*, Lisboa, 1929, pp. 10-27). No entanto foi possível recuperar uma parte da informação - precisamente aquela que nos esclarece sobre os efectivos populacionais das povoações mais importantes - embora uma outra parte seja, provavelmente, irrecuperável (João José Alves Dias, "A comarca de Castelo Branco em 1527-1540. Aspectos administrativos e Lisboa, 1987, pp. 145-152).

É certo que se conhece também para a Beira uma outra contagem de moradores, anterior àquela, datada de 1496 (Virgínia Rau, "Para a história da população portuguesa dos séculos XV e XVI (Resultados e problemas de método)", *Do Tempo e da História*, vol. I, 1965, pp. 7-46; João José Alves Dias. "A Beira Interior em 1496 (Sociedade, administração e demografia)", *Ensaios de história moderna*, Lisboa, 1987, pp. 11-102), mas o número de moradores é-nos dado globalmente, por concelho, o que, naturalmente, nos deixa na ignorância da sua distribuição no espaço.

(2) - João José Alves Dias, "A comarca de Castelo Branco em 1527-1540", cit., pp.149.

(3) - Ib.; João Maria Tello de Magalhães Collaço, ob. cita, pp. 101, 112; Rita Costa Gomes, *A Guarda medieval. Posição, morfologia, e sociedade (1200-1500)*, Lisboa, 1987, pp.96.

(4) - Cf. sobre este assunto, o estudo de João Silva de Sousa, *A casa senhorial do infante D. Henrique, dissert. de dout. dact.* apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1988, pp.15-106 e sobretudo o mapa da p.104.

(5) - Podem verificar-se estas afirmações estudando os itinerários régios já publicados, os quais cobrem quase toda a nossa Idade Média: João José Alves Dias, "Itinerário de D. Afonso II (1211-1223)", *Estudos Medievais*, nº 7, 1986, pp. 29-47; id., "Itinerário de D. Afonso III (1245-1279)", *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XV, 1980, pp. 453-519; *Itinerários régios medievais. Elementos para o estudo da administração medieval portuguesa - I - Itinerário del-rei D. Dinis. 1279-1325*, int. de Virgínia Rau, Lisboa, 1962; Maria Teresa Campos Rodrigues, "O itinerário de D. Pedro I. 1357-1367", *Revista 'Ocidente'*, vol. LXXXII, 1972, pp. 147-176; id., "Itinerário de D. Fernando. 1367-1383", sep. de *Bracara Augusta*, t. XXXII, fasc. 73-74, 1978; J. P. Montalvão Machado, *Itinerários de el-rei D. Pedro I (1357-1367)*, Lisboa, 1978; Humberto Baquero Moreno, *Os itinerários de el-rei D. João I (1384-1433)*, Lisboa, 1988; id., *Itinerários de el-rei D. Duarte (1433-1438)*, Lisboa, 1988; id., "Itinerários do infante D. Pedro (1438-1448)", sep. de *Revista de Ciências do Homem da Universidade de Lourenço Marques*, vol. I, s. B, 1968; Joaquim Veríssimo Serrão, *Itinerários de el-rei D. João II*, vol. I, (1481-1488), Lisboa, 1975.

(6) - Iria Gonçalves, "Físicos e cirurgiões quatrocentistas. As cartas de exame", *Do Tempo e da História*, vol. I, 1965, p. 70.

(7) - É o caso detectável, por exemplo, naqueles médicos que, exercendo clínica sem, previamente, se terem submetido a exame, mas temendo as penas a que a irregularidade da sua situação os sujeitava, acabavam por se apresentar à prestação de provas acompanhados pela intercessão do concelho em que viviam, por vezes em

conjunto com a de uma outra entidade de maior audiência junto do rei. Cf, entre outros: A. N. T. T., *Chanc de D. Afonso V*, liv. 31, fl. 60vº; liv. 34, fl. 64, 186; *Chanc de D. João II*, liv. 2, fl. 162vº; liv. 10, fl. 31; liv. 17, fl.21vº.

(8) - No acto de exame o clínica era avaliado pelos seus conhecimentos teóricos e práticos. Adiante voltarei a referir-me ao assunto.

(9) - Iria Gonçalves, ob. cit., pp. 71-72.

(10) - Ib., p. 72; Pedro de Azevedo, "Físicos e cirurgiões do tempo de D. Afonso IV", *Arquivos de história da medicina portuguesa*, nova s., 3º ano, 1912, pp. 3-11.

(11) - Maximiano Lemos, *História da medicina em Portugal. Doutrinas e instituições*, vol. I, Lisboa, 1899, p. 78; Iria Gonçalves, ob. cit., pp. 72-73.

(12) - Maximiano Lemos, ob. cit., p. 78; Hernâni Monteiro, *Origens da cirurgia portuense*, Porto, 1926, p. 2; M. Ferreira de Mira, *História da medicina portuguesa*, Lisboa, 1948, pp. 49-50.

(13) - Iria Gonçalves, ob. cit., pp. 74-75.

(14) - A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 9, fl. 57. Trata-se de uma disposição datada de Maio de 1463.

(15) - Ficou esta norma estabelecida no regimento do físico-mor (A. N. T. T., *Leis*, m. 2, nº 32. Uma lição posterior, de 1521, foi publicada por António de Almeida, "Collecção da maior parte dos Estatutos, Leis, Alvarás, Decretos e Ordens relativas à Medicina e Cirurgia para servirem como documentos à História da Sciencia de Curar em Portugal", *Jornal de Coimbra*, vol. III, nº XIV, Fevereiro de 1813, pp. 198-204).

(16) - Restam-nos algumas provas de que os médicos formados no estrangeiro, se queriam exercer clínica entre nós, precisavam sujeitar-se a um novo exame. Cf., por exemplo: A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 28, fl. 81vº; liv. 30, fl. 225; *Chanc. de D. João II*, liv. 10, fl. 79; liv. 20, fl. 32.

(17) - Este aspecto ficou expressamente atestado pelo menos em dois dos diplomas de exame que nos restam: A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 5, fl. 102vº; liv. 30, fl. 68nº. O regimento do físico-mor, de 1515, também deixou consignado que o exame se faria "na theoria e na pratica" (A. N. T. T., *Leis*, m. 2, nº 32).

(18) - Também este assunto assim ficou estabelecido no supracitado regimento. Mas para maior certeza da competência do novo diplomado, este devia acompanhar o examinador em três ou quatro visitas a doentes, para que este pudesse, por si próprio, formar uma opinião.

(19) - A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 30, fl. 68vº; liv. 33, fl. 54vº; liv. 38, fl. 37vº.

(20) - Ib., liv. 35, fl. 36; liv. 38, fl. 37vº.

(21) - Ib., liv. 30, fl. 68vº; liv. 33, fl. 54vº; liv. 35, fl. 36.

(22) - Maximiano Lemos, ob. cit., p. 87; M. Ferreira de Mira, ob. cit., p. 15.

(23) - A. N. T. T., *Chanc*, de D. Afonso V, liv. 38, fl. 37vº.

(24) - Ib..

(25) - Ib., liv. 35, fl. 36.

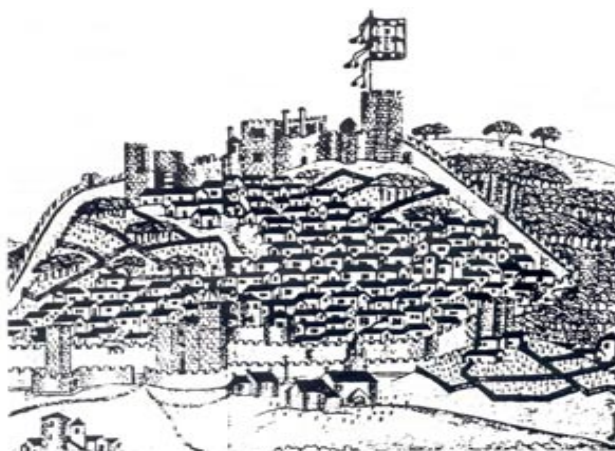
(26) - Maria José Pimenta Ferro Tavares, *Os judeus em Portugal no século XV*, vol. I, Lisboa, 1982, p. 355.

(27) - M. Ferreira de Mira, ob. cit., pp. 13-15; Luís de Pina. *História Geral da Medicina*, vol. 1, Porto, 1954, pp. 135-138; Luís Garcia Baliester, *História social de la medicina en la Espana de los siglos XIII ai XVI*, vol. I, *La minoria musulmana y morisca*, Madrid, 1976, pp. 31-42.

(28) - A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 2, fl. 162vº.

- (29) - Iria Gonçalves, ob. cit., p. 83.
- (30) - Cf., por exemplo, os trabalhos de Silva Carvalho, *História da oftalmologia portuguesa (até ao fim do século XVI)*, Lisboa, 1939, ou de Brigitte Gauthier, "L'ophtalmologie médiévale", *Santé, médecine et assistente au Moyen Age*, Actes du 110e. Congrès national des Sociétés Savantes, Montpellier, 1985, Paris, 1987, pp. 217-228.
- (31) - Iria Gonçalves, ob. cit., p. 97.
- (32) - A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 27, fl. 53v°.
- (33) - Com um físico, mestre Judas (ib., liv. 34, fl. 183) e um cirurgião, mestre Guedelha Goleima, cirurgião do infante D. Henrique (ib., fl. 193v°).
- (34) - Além dos atrás apontados podem ver-se os diplomas dos restantes em: ib., liv. 17, fl. 22; liv. 28, fl. 5; liv. 38, fl. 41.
- (35) - Ib., liv. 33, fl. 44.
- (36) - Ib., liv. 8, fl. 175; liv. 30, fl. 155v°.
- (37) - Ib., liv. 11, fl. 46v°.
- (38) - Só realizei uma investigação sistemática sobre este assunto até 1495, inclusive, isto é, até ao fim do governo de D. João II (cf. o trabalho que tenho vindo a citar). As minhas afirmações são, portanto, válidas até essa altura. Uma ou outra referência posterior que faço, está longe de esgotar o tema.
- (39) - A Covilhã só viu acrescido o seu corpo clínico diplomado com mais um médico (A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 10, fl. 123), a somar a alguns dos anteriores, que continuavam a exercer a profissão. Outros, os mais velhos, teriam, entretanto, falecido.
- (40) - Ao contrário da Covilhã, a Guarda, durante estes anos, progrediu, sob este aspecto, muito rapidamente. Cf. os diplomas dos seus médicos: ib., liv. 13, fl. 70v°; liv. 16, fl. 18; liv. 18, fl. 121; liv. 25, fl. 99.
- (41) - Ib., liv. 8, fl. 137v°; liv. 10, fl. 146v°; liv. 19, fl. 15v°.
- (42) - Aliás, esse panorama era o mais comum, a nível de todo o país (cf. Iria Gonçalves, ob. cit., p. 89).

- (43) - A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. I, fl. 12v°. É talvez curioso deixar registada a referência a um outro clínico, natural de Pinhel, mas residente em Setúbal quando se apresentou a exame (ib., liv. 11, fl. 123).
- (44) - Ib., liv. 20, fl. 174v°.
- (45) - Ib., liv. 18, fl. 116v°; liv. 20, fl. 88.
- (46) - Ib., liv. I, fl. 86-86v°.
- (47) - Ib., liv. 3, fl. 92; liv. 26, fl. 46.
- (48) - Ib., liv. 11, fl. 3v°.
- (49) - Ib., liv. 22, fl. 80.
- (50) - A. N. T. T., *Chanc. de D. Manuel*, liv. 26, fl. 64v°.
- (51) - Ib., liv. 32, fl. 43. Esta anotação, como a anterior, foram extraídas de Maria José Pimenta Ferro Tavares, ob. cit., vol. II, Lisboa, 1984, pp. 416-417.
- (52) - A. N. T. T., *Chanc. de D. João II*, liv. 1, fl. 46-46v°; liv. 24, fl. 27.
- (53) - A. N. T. T., *Chanc. de D. Afonso V*, liv. 26, fl. 38v°.
- (54) - Coimbra era a cidade mais próxima onde trabalhava um conjunto relativamente grande de médicos.
- (55) - Por isso alguns dos diplomas que há já vários anos analisei e de cujo conjunto estes que hoje retomo fazem parte, não incluíam a morada do clínico (cf. Iria Gonçalves, ob. cit., p. 87 e lista publicada em apêndice).
- (56) - Sabe-se ainda pouco sobre as estradas medievais portuguesas. A respeito daquelas que sulcavam a Beira Interior, cf. Humberto Baquero Moreno, "Alguns documentos para o estudo das estradas medievais portuguesas", *Revista de Ciências do Homem da Universidade de Lourenço Marques*, vol. I, s. A, 1972, pp. 104-122; João Alves Dias, "A Beira Interior em 1496", cit., mapa II, p. 18; A. H. de Oliveira Marques, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, vol. IV de *Nova História de Portugal*, dirig. pelo mesmo e Joel Serrão, Lisboa, 1987, pp. 124-126.
- (57) - Cf. atrás, nota 16.
- (58) - Iria Gonçalves, ob. cit., p. 76.



Castelo Branco medieval

Livro das Fortalezas, de Duarte D'armas

JOÃO RODRIGUES DE CASTELO BRANCO E A SOLIDARIEDADE MÉDICA NA LUTA CONTRA A DOENÇA E A MORTE

Alfredo Rasteiro*

Ao longo dos milénios, desde a tomada de cartas de alforria na Grécia antiga, o posicionamento da Medicina caracterizou-se sempre pela independência, de critérios rígidos, subordinada a dispositivos éticos consensuais, perfeitos, imutáveis. A existência de tais princípios, que se adquirem ao longo de toda a aprendi-zagem da Medicina, estará até para além dos Juramentos médicos e da moral codificada e é por isso que se fala e sempre se falou de moral médica muito para além ou até independentemente de Juramentos como o de Hipócrates de Cós (460-377 a. C.) e suas adaptações sucessivas ao longo dos séculos.

Amato Lusitano (1511-1568), além do exemplo da sua vida, deixou-nos uma recomendação muito especial no seu célebre Jus Jurandum escrito em 1559 e registado no fim da sua última centúria, impressa em 1561 na cidade de Salónica (Tessalonica), lugar de acolhedor exílio para inúmeros portugueses de nação hebraica que a prepotência e a cegueira política de nação lusitânica então dominante não consentiam em terras portuguesas. Amato Lusitano, muito melhor do que Hipócrates, não promete fazer isto ou não fazer aquilo, mas, muito simplesmente, diz-nos como fez e o que fez, com isso nos convidando a conhecer a sua obra e a seguir o seu luminoso exemplo. Assim, o Juramento de Amato é uma visão retrospectiva de uma vida extremamente complexa e muito rica expressa num espaço muito breve, sem preocupação de esgotar um assunto que está patente nos comentários aos setecentos casos clínicos que constituem as Centúrias.

Evocar Amato Lusitano na sua terra de origem é para mim excepcional honra por dois motivos: por falar de Amato e especialmente por usar da palavra nesta terra que Amato amava, sua Pátria de origem, “a que Ptolomeu fez referência, a igual distância de Lisboa e de Salamanca (a universidade mais célebre de toda a Europa), de clima temperado” (3ª Centúria, Cura XIII). Foi aqui que Amato deu os primeiros passos e aprendeu as primeiras letras. Foi entre Castelo Branco e as margens do Tormes, o rio de Salamanca, que João Rodrigues adquiriu o seu entranhado amor às terras lusitânicas impressas para sempre no seu nome literário. Dificuldades múltiplas fizeram de Amato um cidadão do mundo e figura universal que continuará luzeiro e estímulo na adversidade e na procura da verdade.

Nos conturbados tempos que vivemos, quando clivagens artificiais se criam entre doentes e médicos, é reconfortante o exemplo de um Homem que “foi sempre diligente no estudo e por tal forma que nenhuma ocupação ou circunstância por mais urgente que fosse o desviou da leitura dos bons Autores; nem o prejuízo dos interesses particulares,

nem as viagens por mar, nem as frequentes deambulações por terra, nem o exílio lhe abalaram a alma, como convém ao homem sábio” (Jus Jurandum, 1559).

Amato, médico “querido igualmente dos povos e dos grandes reis” (Diogo Pires, Epitáfio 1568), “que muito vagueou longe das fronteiras pátrias e amava a sua terra com impaciência”. Por vezes “gostaria de não se lembrar dela, mas era impedido disso pela doce imagem que sempre persistiu à frente dos seus olhos”, que para si era “como um guarda e uma companhia” e o levaria a perguntar aos forasteiros: “Nasceram bem as cearas? Já amadureceram as uvas? As folhas das oliveiras brilham? Ah, não? Que pena!”; tal como no belo poema que Diogo Pires dedicou a Nicolau Gotio, tudo perguntaria e se as respostas lhe agradavam, o seu peito enchia-se-lhe de alegria.

O exemplo de Amato permanece actual e projecta-se no futuro. Por minha parte, como médico, fui treinado para usar como método de trabalho a História Clínica, origem de todos os métodos de investigação científica e seu supremo aperfeiçoamento, quando o objecto a estudar é o próprio Homem. Na História Clínica, que pode ser individual ou colectiva, de Homens vivos e de figuras do passado, investigamos o onde, e o como,

* *Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra*

avaliamos as circunstâncias e acompanhamos a evolução, registamos o presente e fazemos análises e escavações-biópsias, elaboramos sínteses e avançamos para o diagnóstico que possibilita a terapêutica racional e o prognóstico e a prospecção do futuro.

Perdoe-se-me portanto que numas Jornadas médicas da *Beira-Interior - da pré-história ao século XIX*, eu tenha escolhido uma figura que tornou conhecida esta região além fronteiras e que o seu exemplo seja evocado “neste país de santas, curandeiros, homoeopatas, naturopatas, astrólogos e demais, onde continua por moralizar a prática da medicina” (J. L. Pio de Abreu: “Uma nova caça às bruxas?”, Expresso, 1987, Agosto, 22, processo do Lorvão).

Da imensa obra de Amato, nos dias que correm, são especialmente oportunas as considerações que acompanham os casos clínicos números vinte e vinte e quatro da *Segunda Centúria de Curas Médicas*, impressa em 1 de Maio de 1551 na cidade de Roma e dedicada a D. Hipólito de Este, Cardeal de Ferrara, por nos falarem de solidariedade entre médicos e condenação de charlatães, preceitos que devem estar profundamente gravados em cada médico, sem necessidade de figurarem explícitos em documentos mais ou menos vistosos, escritos em latim ou em romance e que para a Ordem dos Médicos de Portugal estão englobados no conceito: “OS MEUS COLEGAS SERÃO MEUS IRMÃOS”.

Na Cura XX Amato iliba um colega de responsabilidades na morte de uma criança e na Cura XXIV condena um charlatão. Vejamos os casos em pormenor.

No primeiro caso, Mestre Leão Hebreu, que ensinava a língua hebraica, tinha entre os seus alunos um médico de apelido Calaphurra a quem pediu assistência médica para uma sua filha de oito anos de idade. Esta criança sofria do estômago e dos intestinos e o médico preparou para ela um clister em cuja composição entrava a camomila, a arruda e o endro, medicamentos simples que normalmente se usavam nas cozinhas para melhorar o sabor dos alimentos. Porém, embora o não aparentasse, a gravidade da situação era tal que a criança logo após o primeiro clister começou a queixar-se e morreu uma hora depois. “Os pais lamentam-se, amaldiçoam o médico, chamam gente, correm para o juiz, exigem vingança e o referido médico é metido na cadeia, sendo a questão posta em tribunal”. Governava então em Ancona, Vivêncio de Nobilis, sobrinho do Papa Júlio III, ambos doentes de Amato, que analisa a questão e fornece um parecer. “Indaga-se se a rapariga morreu em virtude do clister ou se a morte teria sido ocasionada por outro motivo. Primeiramente a morte não se seguiu à introdução, o que era confirmado pelas testemunhas e depois,

os vários componentes do clister eram substâncias diariamente utilizadas na cozinha”, não havendo qualquer justificação “para que qualquer teimoso, obstinado ou ignorante ousasse dizer que a morte da criança tinha sido causada pelos simples utilizados”. Em seguida, Amato analisa as causas que levaram à morte e que, de acordo com o estado da ciência naquela época, levariam a concluir que a morte surgiria dentro de poucas horas mesmo sem qualquer medicação. Não havia portanto qualquer razão para imputar ao médico a responsabilidade por aquela morte, pois o médico não é senhor da vida e da morte. “Non est in medico semper reletur ut aeger”, como diria o engenhoso poeta Ovídio.

Este parecer médico foi elaborado em Ancona aos 17 de Maio de 1550 e encontra-se assinado por Amato Lusitano de Castelo Branco. O nome Leão Hebreu era bem sonante e certamente fez tremer o infeliz Calaphurra, que gemeu na cadeia de onde talvez tenha sido liberto, graças ao parecer de Amato que, em nome da justiça, não temeu afrontar uma família poderosa. Infelizmente, não sabemos quem é este Mestre Leão Hebreu, evocado por Amato. É muito possível que fosse um parente, talvez um filho daquele outro Leão Hebreu, Judas Abravanel, lehudah Abrabanel, autor dos *Dialoghi d'Amore*, diálogos entre Filon e Sofia, entre o médico e a Ciência, que algum dia os médicos resolverão estudar a sério e se a imaginação sem regras aqui fosse autorizada, dir-se-ia que aquela criança sobre cuja morte Amato se pronunciou era uma parente de Bernardim Ribeiro, bem digna de Saudades e de páginas imortais como as da *Menina e Moça*, editada por Abraão Usque em 1554 em Ferrara. Os *Diálogos de Amor* tinham sido publicados postumamente em 1535, em Roma.

Quanto ao que se refere à condenação de charlatães, o caso referido na Cura XXIV da Segunda Centúria é muito mais delicado. Trata-se do caso de “um padeiro que morava junto de uma casa de saúde e começou a sofrer de uma erisipela na mão e antebraço esquerdo”. É notável a sensibilidade de Amato nas pequeninas questões de pormenor. Amato não diz que o padeiro se foi tratar à casa de saúde, apenas insinua que o doente morava junto. Deduzo tratar-se daquilo que entre nós se chama casa de saúde e é para os alemães casa de doença, uma vez que Amato refere “Hospedaria que tinha por símbolo e insígnia uma serpente”. Ora aquele padeiro teve o azar de topar com um daqueles indivíduos que se gabam de tudo saber e tudo curar e que provavelmente terá aplicado uma pomada mercurial no braço do doente, lançando-o em loucura e raiva durante três dias, morrendo ao sexto, apesar de assistido nos últimos dias por médicos sabedores. Amato avisa os incautos para que se não deixem levar por indivíduos chantagistas, que nada sabem,

mas que falam como se os seus conhecimentos se situassem entre a exacta ciência e a omnimoda ignorância e cita o livro 29 da *História Natural* de Plínio, capítulo I: “Não há nenhuma lei que puna a capital ignorância dos médicos, nenhum exemplo de castigo. Aprendem com os nossos males e sacam experiência dos insucessos. Para um médico que matou um homem há a suma impunidade... logo, todas as pessoas estão dispostas a acreditarem no primeiro indivíduo que lhes apareça a dizer que é médico...” e, na verdade, até mesmo no nosso País, em nossos dias, a legislação sobre o exercício ilegal da medicina está esquecida, foi abolida ou é inexistente. Comentando o caso, Amato refere que “volvidos quinze dias sobre a morte do dito padeiro um guarda foi atacado pela mesma doença, na mesma parte do corpo e tratado pelo mesmo médico, da mesmíssima maneira, morrendo o doente ao fim de sete dias. Sem contemplações, Amato diz: “matou-o no período de sete dias, toda a cidade de Ancona o soube, souberam-no médicos ilustres como Jerónimo de Foligno, Frederico Severino e Júlio Pergul”, e acrescenta: “estas e semelhantes coisas só acontecem pela inadvertência dos governos e dos políticos que autorizam as práticas ilegais da medicina”.

Num tempo em que graves desinteligências dividem médicos e separam estes de políticos e de organizações afins da Medicina, é oportuno recorrer à sabedoria de Amato, repleta de ensinamentos úteis que resultaram de uma experiência muito rica e muito diversificada.

Infelizmente, para estas Jornadas foi estabelecido como limite o século XIX e, assim, têm que ficar necessariamente de fora as lições de Amato: perante a prepotência, o nepotismo, a chantagem, a corrupção, os falsos remédios...

BIBLIOGRAFIA

Lusitano, Amato, *Centúrias de Curas Mediciniais*, tradução de Firmino Crespo. Universidade Nova de Lisboa, 1980.

André, C.A., Diogo Pires. *Antologia Poética*, INIC, Coimbra, 1983.

Ramalho, A.C., *Latim Renascentista em Portugal*, INIC, Coimbra, 1985.

Rasteiro, A., *Amati Jusjurandum, in Kalliope, de medicina*, (Coimbra), 1988; 2,49-51.

Rocha Brito A.: *Juramento de Amato Lusitano, Coimbra Médica*, 1937, 1,33-38.



João Rodrigues de Castelo Branco

1511-1568

ANTÓNIO NUNES RIBEIRO SANCHES, MÉDICO HIGIENISTA (1699-1783)

“Não creu que para si viera ao mundo,
mas sim para útil ser ao mundo todo”.

Fanny Andrée Font Xavier da Cunha *

Foi esta a legenda que a imperatriz Catarina II da Rússia ordenou fosse inscrita no brasão de armas de Ribeiro Sanches, para conservar à posteridade a memória das suas raras virtudes⁽¹⁾.

Por ocasião da realização das Primeiras Jornadas de Estudo sobre “Medicina na Beira Interior”, e sendo António Nunes Ribeiro Sanches um dos mais notáveis filhos desta Província, limitar-mo-nos a trazer à memória dos portugueses que têm em apreço os que honram a Pátria, “páginas esquecidas... que vale a pena recordar”. É apenas este o nosso objectivo.

Ribeiro Sanches representa a modernidade no Portugal do século XX, campeão da Higiene e da Profilaxia, ele foi também verdadeiro precursor de uma Ciência que hoje denominamos Ecologia.

António Nunes Ribeiro Sanches nasce em Penamacor a 7 de Março do ano de 1699, e morre em Paris a 14 de Outubro de 1783.

Na Ode ao Doutor António Nunes Ribeiro Sanches, de Filinto Elísio, o poeta escreveu:

“Que importa, oh Sanches, que hajas escrutado
Do Numen de Epidauro altos segrêdos,
Se has-de tocar (um pouco mais tardio)
A méta inevitável?

Em vão, co’a luz do Hippócrates moderno,
No Sanctuario entraste da Natura;
A segadoura fouce não se embóta
Com morredouras hervas.

Em vão, com altos dons, o Céu gracioso
Te enriqueceo o coração, o ingenho;
E fôste util aos Tártaros gelados,
E á muito ingrata Elysia.

Apenas morará teu claro nome
No peito dos amigos saudosos;
Até que venha o Olvido mergulhá-lo
Nas esquecidas ondas:

Onde nadando escuro, e desvalido,
Entre cardumes de vulgares nomes,
Jazerias, se a mão da branda Musa
Te não retira às margens.

Mas não morrerás todo.
A melhor parte De ti, nos vérsos meus, será eterna;
Tens de ser celebrado, enquanto as lêttas
Tiverem amadores” [...]⁽²⁾

Mas Ribeiro Sanches não deve ser celebrado apenas “enquanto as letras tiverem amadores”. Ele não jaz, dois séculos volvidos sobre a sua morte, “nas escuras ondas, nadando escuro e desvalido, entre cardumes de vulgares nomes”.

Sem memória não há vida, mas Ribeiro Sanches tem sido celebrado e trazido à memória dos portugueses curiosos da História da Ciência e da Cultura Portuguesa, por ilustres e notáveis estudiosos, tanto nacionais como estrangeiros, como Maximiano de Lemos, Luís de Pina, Ricardo Jorge, Joaquim de Carvalho, Andrée Crabée Rocha, Maximino Correia, Manuel Ferreira de Mira, Andry, Vicq D’Azyr, e por tantos outros, de ontem e de hoje.

Penamacor não deixou de assinalar o 2º Centenário da sua morte, e coube em 1984 à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII e ao Museu Nacional da Ciência e da Técnica, de Coimbra, a grata tarefa da realização de um Colóquio sobre tão ilustre e estudada personalidade.⁽³⁾

Ribeiro Sanches fez os seus primeiros estudos na

* *Museu Nacional da Ciência e da Tecnologia. Sociedade de Estudos do século XVIII.*

cidade da Guarda, mudando-se para Coimbra em 1716, a fim de continuar os seus estudos preparatórios no Colégio das Artes. No ano de 1720 passou a Salamanca, onde se doutorou em medicina, regressando de seguida a Portugal, e passando a residir em Benavente onde exerceu a Medicina durante dois breves anos, depois de nomeado Médico dos Pobres, pois em Portugal e na época, cada Câmara pagava um Médico.⁽⁴⁾

Contudo, segundo Vicq d'Azir “o mais agradável salário, que dalli lucrava, erão os agradecimentos do doente; por quanto o pobre agradece ao Médico todos os momentos, que lhe passa junto da cabeceira; e quanto mais vê que elle medita, mais o contempla como seu Anjo consolador; não assim á cerca dos ricos; que se o Médico delibera, o tomão por indeciso, e se gasta o tempo com o doente, o dão por desfreguezado”.

Possivelmente em 1726, segundo alguns biógrafos, deixou o país para nunca mais voltar, apesar de sempre ter amado a sua saudosa Pátria.

Seguiu primeiro para Inglaterra, passando depois a França (1728) e de seguida para a Holanda, Leida, onde residiu de 1730 e 1731, tendo sido discípulo do famoso médico Herman Boheraave, que o distinguiu, escolhendo-o com mais dois dos seus discípulos para atender ao pedido da czarina russa Anna Ivanovna, a qual lhe mandara pedir três médicos competentes.

Ribeiro Sanches aceita um lugar de médico em Moscovo, com um salário de 600 mil reis anuais.

O título que lhe cabia era de “médico do senado e cidade”, fazendo parte das suas obrigações instruir os barbeiros-cirurgiões, as parteiras e os farmacêuticos.⁽⁵⁾

No ano de 1734, é transferido dos serviços de medicina do Senado e cidade de Moscovo para os serviços do exército em Petersburgo.

Aqui viveu, muito ocupado, escrevendo uma Farmacopeia “para que por ela se fação todos os remédios que se consomem neste Império”.⁽⁶⁾

Não esquecendo a sua pátria, envia, anos mais tarde, de Paris, um texto manuscrito intitulado “Peculio/ de/ varias receitas/ para/ deversas queixas/ pelo/ Doutor António Ribeiro Sanches/ mandadas de Paris/ a/ algumas pessoas desta Corte/ de/ Lisboa”.

Note-se que a primeira Farmacopeia oficial portuguesa data de 1794, com o título Farmacopeia Geral, e incluía, entre outras coisas, a fórmula mantida secreta até então, da célebre Água de Inglaterra.

Tendo-se reacendido a guerra entre a Rússia e a Turquia, Ribeiro Sanches participa nela como médico de campanha.

De 1735 a 1737 tomou parte em todas as campanhas contra os tártaros e contra os turcos; atravessou a Ucrânia, os desertos da Crimeia e de Bachmut, até às planícies de Azof.

As suas observações sobre os povos que contactou, calmuques, tártaros de Nogai, povos Cuban, tártaros de Kergissi, etc., dão-lhe juz a ser considerado como um dos primeiros antropologistas portugueses.⁽⁷⁾

Proveitosas observações que Ribeiro Sanches comunicou a Buffon, e que este grande naturalista introduziu no 3º volume da sua “Histoire Naturelle” (1749), tecendo -lhe um elogio do seguinte teor: “homme distingué par son mérite et par l'étendue de ses connaissances, a bien voulu me communiquer par écrit les remarques qu'il a faites en voyageant en Tartarie”. Nos outros tomos da obra de Buffon encontram-se também apontamentos fornecidos por Ribeiro Sanches em relação ao Souslik ou Zisel (da família dos roedores, género rato de Cuvier), e ainda aos gansos.^{(8) (9)}

Ao dar este destino às suas observações científicas, Sanches deixou-nos o testemunho da sua modéstia. É bem certo que os verdadeiros cientistas só raramente falam da Ciência, razão pela qual os seus preciosos depoimentos ficam por vezes dispersos, inacessíveis ao grande público ou mesmo perdidos.

Da sua vida errante, Ribeiro Sanches escreveu, em carta dirigida ao erudito Diogo Barbosa Machado:⁽¹⁰⁾ “Fui médico do exército que guerreava na Crimeia, em Tartária contra os Tártaros daqueles distritos; destas campanhas e dos Cossacos do Don e dos Tártaros da Crimeia escrevi o que observei tocante às produções naturais, religiões, costumes, leis e trato, obra que perdi na minha inconstante vida”.

Não totalmente perdida, como vimos.

Foi também no período desse serviço como médico dos exércitos russos que o grande higienista estabeleceu práticas utilíssimas e de grande alcance não só para a medicina e higiene dos exércitos, mas para a Higiene em geral.

Numa época em que o termo assepsia era desconhecido, ele criticava o sistema hospitalar vigente, prescrevendo o isolamento dos doentes a fim de evitar o contágio, tendo escrito: “Havia no campo de Azof tantos feridos, que no Hospital não havia já lugar para admitti-los: propús mandar oitenta delles com um bom Cirurgião para hum lugar duas léguas distante do campo principal: cada dia tinha a relação destes enfermos, algumas vezes os visitava, e em três semanas de tempo todos se curarão... Considerei logo que era força que no Hospital nascesse aquella febre podre, e que se gerava pela corrupção do Ar, independentemente das doenças com que entravão os enfermos no Hospital”...⁽¹¹⁾

Por falta de saúde, e depois da queda de Azof, em 1736, Ribeiro Sanches regressa a Petersburgo, sendo nomeado médico do Corpo de cadetes, o qual era um Colégio Militar para a nobreza russa. Nos seus regulamentos se inspirou para as suas *Cartas*

sobre a educação da Mocidade, às quais tiveram influência decisiva na criação do Colégio dos Nobres de Lisboa. Ribeiro Sanches conhecia bem “as circunstâncias das grandezas humanas” e “o pouco que são o illustre do nascimento, honras e riquezas, ao serem declaradas com a virtude, valor, sciencia, industria e amor do bem público!”.⁽¹²⁾

A criação do Colégio dos Nobres por carta de lei de 7 de Março de 1761 havia sido aconselhada por carta de Ribeiro Sanches, datada de Paris, em 19 de Novembro de 1759, dirigida a Monsenhor Pedro Salema.⁽¹³⁾ Em Março de 1740 foi Ribeiro Sanches nomeado Médico da Pessoa da nova imperatriz Ana Leopoldovna; em 1741 virá a ser médico de Isabel, filha de Pedro O Grande, futura imperatriz Catarina II; Conselheiro de Estado e membro da Sociedade Imperial de S. Petersburgo (Academia de Ciências).

No ano de 1747, após dezasseis anos de permanência na Rússia, retira-se para Paris, desenvolvendo intensa actividade na importante Sociedade Real de Medicina, a par com as ligações que mantinha com as Academias de Ciências de Paris e de Lisboa, esta recém-fundada em 1779. É precisamente um dos seus biógrafos estrangeiros que escreve: “A Côrte de Portugal, que conhecia com quanto affeito o Dr. Sanches amára sempre a sua Pátria, o consultou à cerca do modo com que nella florescerião as Sciencias, e das cautelas necessárias à saúde pública. A que elle respondeo com dous tratados em lingua Portuguesa; n’um dos quaes expunha os meios adequados para conservar a saúde dos Povos, fazendo que fallem as Leis a lingua da boa Physica; n’outro delineava o plano d’uma Universidade Regia, em que todas as modernas Sciencias se ensinassem; e onde queria que se lhe anexasse um hospital, em que todos os Alumnos guiados por um Lente de Medicina experimental, alli fossem instruídos. A esse Corpo devia unir-se a Chirurgia. [...]”.⁽¹⁴⁾

Ribeiro Sanches morre em Paris, com 84 anos, sem ter regressado à Pátria.

Camilo Castelo Branco, num artigo intitulado “O oráculo do Marquez de Pombal”, publicado nas “Noites de insomnia”, n° 2, de Fevereiro de 1874, diz a esse respeito:

“O marquez de Pombal ou não quiz, ou apesar da sua omnipotencia não logrou assegurar repouso na patria ao seu douto oraculo, em paga dos conselhos e projectos de boa administração que o neto do hebreu lhe sugeriu de Paris, e o valido ingrato aproveitou, ocultando-lhe a procedencia”.⁽¹⁵⁾

No seu *Tratado da Conservação da saúde dos povos*, Ribeiro Sanches havia de ensinar princípios que são de hoje.⁽¹⁶⁾

Assim no capítulo “Dos sítios mais sádios para fundar cidades”⁽¹⁷⁾ encontraremos previsão e realidade, quanto a poluição e salubridade.

Diz Sanches: [...] Aristóteles quer que, para fundar uma Cidade, duas coisas se devam atender. A primeira, a conservação dos habitantes; e a segunda, a sua utilidade.

[...] No entanto diz-nos também que “sucede às vezes que por razões de Estado é necessário fundar uma cidade em lugar menos conveniente à conservação dos habitantes, como por exemplo em lugares baixos, perto de rios e lagos. [...] “Então é que a arte deve suprir estes defeitos da natureza [...]”. A arte e os conhecimentos científicos.

A arte, segundo Ribeiro Sanches, no caso de ser preciso fundar uma povoação perto de lagos ou campos alagados, “fabricando-se as casas de tal modo que os ventos frios não as ofendam, devendo as ruas ser viradas com tal precaução que impidam os ventos que passam por aqueles lugares tão mal sádios. Tanto quanto fôr possível, seja a cidade de tal modo construída que fique a maior parte dela exposta aos raios do sol do meio dia”.

“Nos lugares áridos, ou pelo terreno ser de areia, de cascalho ou de pedra viva, devem-se plantar neles tantas árvores quantas permitir o sítio; abrir poços, fazer cisternas, cascatas de água, fontes de repuxo com regos e canais por meio das ruas, como se vê em Toledo [...]”.

Ribeiro Sanches vai enumerando as condições de salubridade ideais, frisando que “[...]todas as nações conhecidas buscam sempre as bordas dos rios para fundarem povoações; tiram, os homens, delas o sustento, poupam, navegando, muita fadiga e trabalho, conduzem para a fertilidade das terras, e, se é certo que, se soubessem aproveitar-se de semelhantes sítios que a natureza lhes oferece tão liberalmente, fariam as suas habitações e a vida deliciosas. Mas, ordinariamente, pela negligência e ignorância de quem os habita, servem os rios, e principalmente os caudalosos, mais para a sua ruína que para a sua conservação [...]”.⁽¹⁸⁾

Lembremos as inundações de que com frequência são vítimas as populações de Lisboa e diversos concelhos do distrito, com perda de vidas humanas e de bens materiais, como antigamente também sucedia a Coimbra, apesar de esta cidade ser citada por Ribeiro Sanches como exemplo de bem situada. Contudo foi necessária a arte do homem dos nossos dias para suprir os defeitos da natureza, porque, segundo Ribeiro Sanches, “bem situada, se tivesse a fortuna de ficar isenta das inundações”! E é aqui que entram os conhecimentos científicos, a arte e o engenho do Homem.

Os conhecimentos científicos poderão minimizar os inconvenientes de más implantações das vilas e cidades, e da poluição e más condições de vida delas resultantes como previa Ribeiro Sanches.

Por experiência própria, derivada da sua estadia, como médico, em Benavente, Ribeiro Sanches

pensava que as causas das febres, que provocavam naquela vila e em Salvaterra enormes estragos, eram devidas à mistura das águas estagnadas com as águas correntes do Tejo, e à poluição dos rios.

Assim, escrevia em carta datada de 7 de março de 1759 a Francisco de Pina e Mello:

“Espero que V. M. já restabelecido desse defluxo epidemico, consequencias dos entulhos de todos os Rios de Portugal nas barras; e que de necessidade não-de alagar os Campos, e fazellos cemiterios dos viventes, como ahi sucede, e nas Lizirias de Salvaterra, Benavente, Coina, etc. e por que as terças, ou maleitas são nestes lugares endemias me parece que a este effeito quer V. M. fazer provizão a celebre Sal da Kina que fez aqui tanto estrondo.

Eu vi muías vezes este Sal, e os seus effeitos: Não he Sal (fallando chimicamente) he hum extracto feito pela trituração; mas he hua delicadeza mui escuzada: este que foi segredo, ja hoje he publico; he Kina por ultimo, e ninguém tem que esperar mais desse Sal do que de hum bom cozimento feito com a boa Kina com vinho e agoa, e algua raiz amarga com canella. O conhecer a queyxa, o grão della, he o segredo mayor de hum segredo; faltando este primeiro o segundo perde a reputação, e quem uza assim delle he na verdade empyrico, falsario, enganador, e a peste dos homens [...]” (19).

No seu *Tratado para a conservação da saúde dos povos*, Ribeiro Sanches considerava também que a quantidade de insectos e a sua má qualidade poderiam impedir o viver com segurança. No ano da publicação do seu *Tratado* (1757), Ribeiro Sanches, o cientista plurifacetado, não sabia tudo! Porque, “Quand l’homme saura tout, il sera anéanti. L’homme est fait pour la recherche de la vérité, nom pour sa posséssion”, dizia Pascal (1623-1662).

Porém já em 1710 um português, Fonseca Henriques, por alcunha o Mirandela, afirmava que as febres malignas eram causadas por alteração do sangue tendo por causa uns bichos tão pequenos “que os não pode divisar a vista, sem o invento do Microscópio, com o qual os observou Kircher [...]”.

Nalgumas regiões de Portugal o paludismo foi endêmico, depondo os mosquitos os ovos sobre todas as superfícies aquáticas (águas doces ou salobras), no solo, no côncavo das árvores, etc..

Daí Ribeiro Sanches notar que a água das enxurradas, ainda que apodrecesse, não apodrecia tão depressa, nem a podridão que causava era tão horrenda como quando se misturava a água doce com a água salgada.

Contudo, era o empirismo que em fins do século XVIII dominava em questões parasitológicas em Portugal, apesar dos conhecimentos que os portugueses e espanhóis, principalmente os portugueses, adquiriram no decurso das suas viagens, visitando desde o século XV as regiões tropicais, paraíso dos

parasitas⁽²¹⁾.

Garcia de Orta escrevia em 1563 “que se sabe mais em um dia agora pelos portugueses do que se sabia em 100 anos pelos Romanos”⁽²²⁾.

Entre os precursores da Parasitologia contam-se um António Galvão, um Gabriel Soares de Sousa, um Aleixo de Abreu, um Fonseca Henriques, etc.

Ribeiro Sanches refere-se aos “cemitérios de viventes”, como Benavente, porém só no ano de 1902 é nomeada em Portugal uma comissão médica para o estudo do paludismo, composta por Morais Sarmiento, Marck Athias e Carlos França, este como relator, e que viria a ser o fundador do ensino da Parasitologia em Portugal.

À distância no tempo de cerca de século e meio de R. S., Aníbal Bettencourt, outro notável cientista português, escrevia, referindo-se a outro cemitério de viventes, no Douro-Barca d’Alva: “Quando se pergunta às crianças o que desejam elas dizem frequentemente: Queremos morrer! Tal é o seu sofrimento [...]”.

A luta contra a poluição, reais concretamente contra os mosquitos, tornava-se imperativa.

É na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa que o Relatório daqueles cientistas é discutido e considerado um verdadeiro trabalho científico ao alcance de todos, pois contém noções gerais sobre a doença.

Nestas instruções gerais são aconselhados os mesmos métodos que Ribeiro Sanches aconselhava dando como exemplo “a vila de Aigue-morte, a qual, como remédio contra as febres fez um canal de comunicação com o mar, que enxugou todos os campos à roda”.

Sanches, referindo-se às povoações sitas junto dos rios, constatava uma triste verdade dos nossos dias - a poluição: “Corrompem-se por muitas causas as suas águas e as mais ordinárias são as seguintes: se a corrente é tão amena e branda e os seus lados forem tão cobertos de árvores que façam sombra a toda a água do rio, jamais serão ventiladas; no estio virão turvas e por último corruptas. Neste caso será necessário desbastar estes arvoredos e ter limpos os lados, não só dos troncos e raízes podres, mas também das águas que ficarem neles retidas e encharcadas...”.

[...] Se os juncos, as ervas e troncos das árvores que apodrecem nas bordas dos rios, como também curtir o linho nelas, são nocivas à Saúde, quanto mais o será mandar as imundices das vilas, ou das cidades, nas praias e nas ribeiras! [...]”.

E mais adiante: [...] “Os males que causam as inundações não consistem só na humidade; o principal é apodrecerem as águas das enxurradas; trazem consigo, os rios, quando saem fora do seu alveu, toda a sorte de matérias que por último apodrecem, ou seja vegetais ou animais, ficam pelos

campos quando o rio entrou no seu costumado curso e o pior é que fiquem estas águas nas adegas, nos poços e nas cisternas”. Continuando, verificava: “Geram-se imensidade de insectos, cheiro insuportável, as águas vêm verdes, turvas, e cada dia aumentarão a malignidade quanto maior fôr a veemência dos calores: então aqueles povos caem em toda a sorte de febres, principalmente intermitentes, perniciosas, contínuas... (...)”. “E para não ir mais longe, observemos o que se passa nas bordas do Tejo, na Golegã, Santarem e nos lugares circunvizinhos como Salvaterra, Coruche, e Samora. As inundações do Tejo e dos rios que se desaguardam nestes lugares, alagam os campos, e pelo outono todos vêm a apodrecer. Se desgraçadamente, se vem a misturar água salgada naqueles charcos, então a podridão será mais intolerável. Mas parece que de sessenta anos a esta parte as inundações são maiores da parte do Alentejo; porque diminuindo-se o alvéu do Tejo pela quantidade de imundices que recebe da parte de Lisboa, é força que as águas desbordem do outro lado. Pode ser que esta seja a causa, porque as febres intermitentes, contínuas e perniciosas, não se observem em Lisboa senão depois daquele tempo, como um experimentado Médico me disse, na mesma cidade, no ano de 1725” [...].⁽²³⁾

Nos nossos dias, em que o paludismo endêmico se encontra erradicado do território nacional, a luta anti-mosquito é ainda e principalmente dirigida contra as fases aquáticas (ovos, larvas, ninfas), e consiste também e principalmente em suprimir todas as pequenas superfícies de água, na secagem das zonas pantanosas, e em cobrir as grandes superfícies com insecticidas orgânicos de síntese.

No entanto, ainda se lêem notícias alarmantes sobre a malária, como recentemente, em notícia da ANOP: “200 milhões de pessoas em todo o mundo estão ameaçadas pela malária”. A dado passo diz essa notícia. “Em 1954, a Organização Mundial de Saude admitiu que o paludismo seria eliminado na terra, como o fôra o da varíola”.

A mesma Organização reconheceu em 1979 estar enganada e anunciou que em continentes como África, o mais que se pode fazer quando alguém sofre um ata que de malária é apenas ter pastilhas necessárias para a combater. O paludismo mata anualmente, no continente africano, um milhão de crianças e de acordo com a OMS mais de duzentos milhões de pessoas, em todo o mundo, estão ameaçadas pela malária. Esta grave situação surge devido ao facto de o mosquito *Anopheles* se ter tornado resistente aos insecticidas e ter *aprendido* a evitá-los. Por exemplo, na América Central, ele não poisa nas paredes pulverizadas com insecticidas!

Igualmente o hematozoário responsável pela doença se tornou resistente aos medicamentos

antipalúdicos. O meio eficaz, que é a quinina só evita a crise mas não elimina o parasita no sangue.

Assim voltemos às origens do mal, e aos conselhos de Ribeiro Sanches: a profilaxia, antes da medicação, da qual contudo R. Sanches dizia: “Eu não desprezo todos os remedios tais como os purgantes, o ópio, o mercúrio, a quinina”⁽²⁴⁾, afirmando mesmo: “os boticários são os maiores praticantes da Medicina. São elles os que curam as enfermidades, os que consultam os médicos famosos pelas queixas dos seus doentes, e elles mesmos são os que lhes vendem os remedios das suas boticas”.

No século XVIII, o papel dos boticários, em consequência dos descobrimentos e das viagens por mar, é de capital importância, porque são eles que elaboram as listas das boticas necessárias a bordo.

Quanto a medicação, Ribeiro Sanches, contrário a toda e qualquer sorte de empirismo, sendo-lhe perguntado se tinha algum remédio eficaz para flatos, respondia: “tenho muitos quando sou tão feliz que conheço a sua causa; e se a não conheço não tenho nenhum”.⁽²⁵⁾

Ribeiro Sanches apreciava tanto o mercúrio que comunicara ao Dr. Sacheti Barbosa, com o qual se correspondia, um unguento mercurial canforado para o tratamento da sífilis. O mercúrio também já tinha uma longa história para uso de doenças de pele, e manifestando-se o mal venéreo com alterações cutâneas e das mucosas, passou a ser também usado naquela doença.⁽²⁶⁾

Em Portugal teve incalculável renome, durante mais de cento e cinquenta anos, um medicamento tendo por base a quina, e que se vendia sob o nome de água das sezões ou água de Inglaterra, talvez a primeira especialidade nacional. Contudo o seu uso decaiu quando, em 1820, os químicos Pelletier e Caventou extraíram da casca da chinchona, quina, quineira ou quinina, o alcalóide chamado quinina.

Lembremos porém que já anteriormente (1810) um médico português, Bernardino António Gomes, descobrira os alcalóides das quininas, e seu consequente uso terapêutico.

António Nunes Ribeiro Sanches não acreditava em todos os medicamentos, principalmente quando usados empiricamente, mas acreditava sim, na higiene, nos banhos⁽²⁷⁾, na água pura! Água pura, que tem, mais do que nunca, uma importância capital para a Humanidade.

Como higienista lembrava: “Tantas villas e cidades devastadas pela imundice das ruas e das casas, pela negligencia dos monturos, pelas águas encharcadas. E não obstante vemos que rarissimas vezes os Magistrados remedeiam estas desordens”.

E como os Magistrados, ontem e hoje, rarissimas vezes remedeiam estas desordens, é criado, em pleno século XX um Tribunal Internacional da água,

por iniciativa de onze organizações ecológicas holandesas, com apoio internacional de outras 95 organizações, o qual julga a poluição dos rios, hoje poluídos das mais variadas formas, inimagináveis no século XVIII, mas que Ribeiro Sanches previu.

Em Portugal os recursos hídricos estão inseridos na política do Ambiente e prevê-se legislação em que poluidores de água vão ter que pagar.

Ribeiro Sanches representa pois a modernidade na Europa dos nossos dias.

Campeão da Higiene e da Profilaxia, ele foi um verdadeiro precursor da nossa Higiene político-social. Ribeiro Sanches acreditava acima de tudo nos benefícios da água. Isto mesmo se infere da leitura do seu manuscrito *Mémoire sur les bains de vapeur de Russie, consideres pour la conservation de la santé et pour la guérison de plusieurs maladies*. Trata-se precisamente de um manuscrito, relativamente de fácil leitura, porém de redacção descuidada, por repetitiva. O que não é de admirar, porque o próprio Ribeiro Sanches confessava: "quando escrevo he de hua vez, e não tenho forças para ponderar todas as circunstancias naquelle instante: por isso sei que todo o que escrever ficará cheo de fendas por onde podem entrar mil objecções bem fundadas; e V. M. sabe que a melhor idea vem a parecer sem fundamento se não vai defendida da demonstração".

Se a tradução para português do referido manuscrito, à qual procedemos, nada acrescenta à sua glória, ela pode ser, sobretudo, uma homenagem a tão insigne médico da Beira Interior.

A permanência do Homem, do Cientista, no Tempo, depende dos diversos testemunhos existentes. Terminaremos com a observação de um sábio também de todos os tempos:

"Os que amam e admiram as Ciências devem desejar que os seus elementos estejam ao alcance de todos".



Ribeiro Sanches

NOTAS

(1) Gravura de Levillain, desenho de Moitte, in Augusto d' Esaguy, *Dois inéditos de Ribeiro Sanches*, Sep. "Imprensa Médica", Ano XXXII, Lisboa, Out. 1958, p.3

(2) *Obras Completas de Filinto Elysio*, Ode ao Doutor António "Nunes" Ribeiro Sanches. Paris. 1789. In: *Obras Completas*, 9, Paris, na officina A, Bobée, 1819.

(3) *Catálogo - Exposição Documental - Ribeiro Sanches (1699-1783)*. Coimbra, ed. Museu Nacional da Ciência e da Técnica, 1984.

(4) Vico D'Azir, *Elogio do doutor António Nunes Ribeiro Sanches*, Trad. de Filinto Elysio, Paris, Off. A. Bobée, 1819. (*Obras de Filinto Elysio*, 9).

(5) Vico D.'Azir, ob.cit.

(6) Rómulo de Carvalho, *Relações entre Portugal e a Rússia no século XVIII*. Lisboa, Ed. Sá da Costa, 1979, pp. 21, 22.

(7) Alberto Xavier da Cunha, *Contribution à L'Histoire de l'Antropologie Physique au Portugal*. Coimbra, Instituto de Antropologia, 1982. Sep. "Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa", 2 (1), 1982, pp. 6-7.

(8) *Oeuvres complètes de Buffon*, t. 3, Paris, 1853, p. 272.

W Herschel (1738-1823) (28)
Coimbra, Março de 1989.

(9) Buffon, *Histoire Naturelle*, Paris, 1769, Tomos 4º, p. 109; 6º p. 513.

(10) Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana, Histórica, Crítica e Cronológica*. Lisboa, 2º ed., T. 4, 1935, p.

(11) António Nunes Ribeiro Sanches, *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos*. Paris, 1756, pp. 114-117.

(12) *Obras de Camoens*. Nova ed. Gendron, t. 1, Paris, 1759, in *Advertência ao leitor*. Maximino Correia, Ribeiro Sanches, camonista. Lisboa, "Memórias da Academia de Ciências de Lisboa, Classe Ciências", 11, 1967, pp. 63-66.

(13) *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, por A. N. Ribeiro Sanches, Nova ed. rev. e pref. por Maximiano de Lemos, Coimbra, Imprensa da Univ., 1922, pp. VI, XIII.

(14) Vicq D'Azir, *Elogio do Doutor António-Nunes-Ribeiro Sanches*. Trad. de Filinto Elysio, Paris, Off. A. Bobée, 1819. (Obras de Filinto Elysio, 9), pp. 47-48.

(15) *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, por A. N. Ribeiro Sanches. Ed. Cit., p. VII.

(16) António Nunes Ribeiro Sanches. *Tratado da conservação da saúde dos povos...; considerações sobre os terremotos, com a notícia dos mais consideráveis...* Lisboa, Of. Joseph Filipe, 1757, pp. 61-83.

(17) *Dos Sítios mais sádios para fundar Cidades* Extracto da ob. cit., (Bibliografia Literária, 14), pp. 1-10.

(18) *Dos Sítios mais sádios para fundar cidades*, extrato ob. cit., in: (Bibliografia Literária, 14), p. 7.

(19) *Carta de Ribeiro Sanches ao Senhor Francisco de Pina e de Mello*, 1759.08.07, in António Ferrão. Ribeiro Sanches e Soares de Barros. Novos elementos para as biografias desses académicos. Três cartas inéditas de Ribeiro Sanches (1758-1760)... Comunicação à Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa, em 27 de Nov., de 1924. Lisboa, 1926. Sep. do "Boi. de Segunda Classe", vol. 20, p. 44.

(20) Carlos França, *Quatro lições de Parasitologia*, Lisboa, 1924.

(21) Carlos França, ob. cit.

(22) Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples e drogas*, Col 15, da canela.

(23) António Nunes Ribeiro Sanches, *Dos sítios mais sádios para fundar cidades*. (Biblioteca Literária, 14) in: "Tratado da conservação da saúde dos povos", 1756.

(24) Ribeiro Sanches, *Mémoire sur les bains de vapeur de Russie, considérés pour la conservation de la santé et pour la guérison de plusieurs maladies*. Manuscrito Trad. p. 14.

(25) Carta a Pina e de Mello, de 7 de Março de 1759, p. 45. In: António Ferrão, ob. cit.

(26) A. Tavares de Sousa, *Curso de História da Medicina*. Das origens aos fins do séc. XVI. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1981, p. 361.

(27) Amato Lusitano aconselhava práticas hidroterápicas contra certas doenças febris.

(28) Astrónomo descobridor do planeta Urano.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, A. de - *Alguns aspectos curiosos da antiga terapêutica*. Sep. "Anais da Faculdade de Farmácia do Porto", vol. 1, 1939.

ANDRADE, António Alberto de - *Verney e a Cultura do seu tempo*. Coimbra, por Ordem da Universidade, 1965.

ANDRY, Charles Louis François - *Précis historique sur la vie de M. Sanchès*. Apud catalogue des livres de feu M. Ant. Nunes Ribeiro Sanches. Paris, de Bure, 1783. Cf. António Nunes Ribeiro Sanches - Obras, 1, Coimbra, Univ. de Coimbra, 1966.

ARAÚJO, Artur - *Subsídios para a monographia do célebre médico portuguez António Nunes Ribeiro Sanches*. "Gazeta dos Hospitales do Porto", Porto, A. 3 (22) 15, Nov. 1909.

Bibliografia do Dr. António Nunes Ribeiro Sanches. "Archivo Bibliographico", Coimbra, 2-3, 1877.

BOUFFON, Charles - *Histoire Naturelle*, Paris, 1769.

BOXER, Charles - *António Nunes Ribeiro Sanches: Um iluminista português*. "Vida Mundial", Lisboa, A. 26 (1619), 19 Jun. 1970.

CAIRES, Álvaro Guimarães de - *Esbôço histórico da medicina dos portugueses no estrangeiro*. Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936. Sep. "Cursos e Con-ferências", Biblioteca Univ. de Coimbra, 6.

CARVALHO, Rómulo de - *Relações entre Portugal e a Rússia no século XVIII*. Lisboa, Sá da Costa, 1979. CASTELO BRANCO, Camilo - *Perfil do Marquês de Pombal*. 6ª ed., Porto, Comp. Portuguesa, Ed., 1882.

CORREIA, Maximiano - *António Nunes Ribeiro Sanches*. Coimbra, Sep. de "Coimbra Médica", 14 (3), 1967.

CORREIA, Maximiano - *A propósito de uma carta endereçada a Ribeiro Sanches*. Lisboa, Imprensa

Médica, 1961. Sep. "Imprensa Médica", 25 (1), Jan. 1961. *Ribeiro Sanches, Camonista*. Lisboa, "Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências", 11, 1967.

CUNHA, Alberto Xavier da - *Contribution à l'histoire de l'anthropologie physique au Portugal*. Coimbra, Instituto de Antropologia, 1982. Sep. "Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa", 11 (1), 1982.

DEUSADO, FERREIRA - *Educadores Portugueses*. Coimbra, França Amado, 1909.

ELISIO, Filinto - *Ode ao Doutor António Nunes Ribeiro Sanches*. Paris, Off. A. Bobée, 1819. In: *Obras de Filinto Elísio*, 9.

ESAGUY, Augusto d' - *Dois inéditos de Ribeiro Sanches*. Lisboa, Sep. "Imprensa Médica", 22, Out., 1958.

FERRÃO, ANTÓNIO - *Ribeiro Sanches e Soares de Barros: novos elementos para as biografias desses académicos*. Prefácio, introdução e notas de António Ferrão, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1936. Sep. "Boletim da Segunda Classe, 20".

FRANÇA, Carlos - *L'emploi des plantes dans le combat des Moustiques*. "Revista Médica de Angola", 4 (3), 1923.

- *Quatro lições de Parasitologia*. Fac. de Medicina de Lisboa, Primeiro Centenário da Fundação da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa, 1825-1925.

JORGE, Ricardo - *Amigos de Ribeiro Sanches, J.H. de Magellan*. "Revista Contemporânea", Lisboa, 1909-1910, 46 (1-2)

- *Cartas de Ribeiro Sanches a Soares de Barros*. "Medicina Contemporânea", Lisboa, 1909-1910 (1-2).

- *La Médecine et les Médecins dans l'expansion mondiale des portugais*. *SI. (s.n.) (Congrès international d'Histoire des Sciences, III, Actes Conférences et Communications)*.

- *Ribeiro Sanches e Soares de Barros*. Lisboa, Sep. "A Med. Contemporânea", 1909.

LEMOS, Maximiano - *História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições*. Lisboa, Manuel Gomes, 1898.

- *Um manuscrito de Ribeiro Sanches*. "Gazeta dos Hospitais do Porto", A-3 (24) 15 de Dezembro, 1909.

- *Ribeiro Sanches: subsídios para a sua biographia*. Porto, "Archivos de História da Medicina Port.", Porto, Nova Série, A.1, 1910.

- *Ribeiro Sanches: a sua vida e a sua obra*. Porto, Tavares Martins, 1911.

- *Notícia de alguns manuscritos de Ribeiro Sanches existentes na Biblioteca Nacional de Madrid*. Porto, Tip. Enciclopédia Portuguesa, 1913.

- *Amigos de Ribeiro Sanches*. "Estudos de História da Medicina Peninsular", Porto, Typ. Enciclopédia Portuguesa, 1916.

- *Carta de Ribeiro Sanches a Sousa Coutinho, 8 de Maio de 1779*. Lisboa, "Boletim da Academia Real das Ciências de Lisboa", 3, Agosto de 1919.

- *Portuguêses ilustres em França: Soares de Barros, João Jacinto de Magalhães e Ribeiro Sanches*. "Boletim da Academia das Ciências de Lisboa", Lisboa, 3 (1).

MACHADO, Barbosa - *Bibliografia Lusitana*. t.4, Coimbra, Atiantida Editora, 1967.

MARTINS, António Coimbra - *António Nunes Ribeiro Sanches*. In: *Dicionário de História de Portugal*, 3, Dirigido por Joel Serrão. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1968.

MENEZES, Vasconcelos e - *Apoio sanitário na época dos Descobrimentos*. Lisboa, Ed. Armada, 1987.

MIRA, Manuel Ferreira de - *História da Medicina Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional de Publicidade, 1947.

MOUTINHO, António Rodrigues - *António Nunes Ribeiro Sanches, ilustre médico e escritor setecentista natural de Penamacor (1699-1783)*. Porto, Sep. de "O Médico", 1973.

NAMORA, Fernando - *Ribeiro Sanches*. In: *Deuses e demónios da medicina, biografias romanceadas*. 6ª ed., Amadora, Bertrand, 1979. (Obras de Fernando namora).

NEVES, Alexandre António das - *Compilação de reflexões de Sanches, sobre as causas e prevenções das doenças dos exércitos*. Lisboa, Acad. Real das Ciências de Lisboa, 1797.

PINA, Luís de - *Verney, Ribeiro Sanches e Diderot na História das Universidades*. Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1955.

- *A marca setecentista de Ribeiro Sanches na história da higiene político-social portuguesa (1756-1956)*. Porto, Sep., "O Médico", 283, 1957.

REGO, Raul - *Cartas sobre a educação da mocidade, de A. N. Ribeiro Sanches*. "Diário Popular", Lisboa, A. 40 (13699) 8 de Abril de 1982. Supl.

Letras e Artes.

ROCHA, Andrée Crabbé - *Um epistolário vienense de Ribeiro Sanches. Valores Portugueses e valores estranhos*. "História", Lisboa, (2) Dez. 1978.

SA, Victor de - *Notícia de Manuscrito Setecentista existente no Arquivo da Biblioteca Pública de Braga*. "Bracara Augusta", Braga, 3 (28), 1974.

SANCHES, António Nunes Ribeiro - *Peculiaridades de varias receitas/ para/ deversas queixas/ pelo/ Doutor Anto-i nio Ribeiro Sanches/ mandadas de Paris/ a/ algumas pessoas desta Corte/ de/ Lisboa. Séc. XVIII/*.

- *Instruction, suivant laquelle doivent se conforles Sages-Femmes*. fls. 293-294, V (4 páginas numeradas). Obs.: Cópia do ms. 18371 da BNM.

- *Dos sítios mais sãdios para fundar cidades. Extracto do Tratado da conservaçam da saude dos povos*. Lisboa, Instituto Pasteur, s.d.

- *Mémoire sur les bains de vapeur en Russie, considérés pour la conservation de la Santé & pour la Guérison de plusieurs maladies/ par M. António Ribeiro Sanches* (lu de 5 Oc. 1779). In: "Histoire de le Soc. Royal de Médecine", Paris, Théophile Barrois, 1782.

- *Observations sur les maladies vénériennes/ par M. Antoine-Nunes Ribeiro Sanchès; publiées par M. Andry*. Paris; chez Théophile Barrois le jeune, 1785.

- *Projecto de instruções para um professor de cirurgia: manuscrito inédito/ de António Nunes Ribeiro*

Sanches: comentários e notas de Macimino Correia. Coimbra, sn. 1956. Sep. "Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis", 31 (1).

SANTOS, Maria Helena Carvalho dos - *Pombal e os outros. A questão da biblioteca de Ribeiro Sanches*. "História", Lisboa, (49) Nov. 1982.

- *Ribeiro Sanches e a questão dos judeus*. "Revista de História das Ideias", Coimbra (4), 1982.

SOARES, José Maria - *Memórias para a História da Medicina Lusitana*. Lisboa, Academia Real das Ciências, 1821.

SOUSA, A. Tavares de - *Curso de Medicina. Das origens aos fins do século XVI*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

VICQ D'Azir - *Elogio do doutor António Nunes Ribeiro Sanches*. Tradução de Filinto Elysio. Paris, Off. A. Bobée, 1819. (Obras de Filinto Elysio, 9).

VITERBO, Francisco Marques de Sousa - *O Doutor Sanches. "A Arte"*, Lisboa, Ag. 1880.

WILLEMSE, DAVID - *António Nunes Ribeiro Sanches élève de Boerhaave et son importance pour la Russie*. Leiden, E. J. Brill, 1966. "Janus: Suppléments, 6".

PLÁCIDO DA COSTA, UM BEIRÃO QUE TRIUNFA NO LITORAL

Amélia Ricon Ferraz *

Nestas Jornadas Médicas de Medicina na Beira Interior, mais precisamente as primeiras que deste âmbito se visam realizar nestas paragens, quis avivar na memória a lembrança de muitos que, gerados e nascidos em berços locais, rompendo os fecundos laços maternos buscam, ávidos do saber e, na esteira de seus ancestrais Mestres, elevar o nome e os feitos desta gente lusa.

Muitos foram aqueles que, ainda novos, partiram e conheceram outras terras portuguesas ou estrangeiras deixando em cada passagem arduamente conquistada a admiração, o respeito e, quantas vezes, o afecto daqueles que, amantes da verdade, reconheceram as dificuldades vencidas e o seu valor, porque uma linguagem comum se falava.

De imediato afloram ao pensamento dois vultos que enriqueceram as páginas da Medicina Nacional e de além fronteiras, filhos de tempos diversos mas de uma mesma terra. A João Rodrigues de Castelo Branco e Ribeiro Sanches, de Penamacor, me refiro. Parece tratar-se de um processo cíclico, como se a terra da Beira congregasse a sua fertilidade latente, na eclosão periódica de um grande vulto.

Não é minha intenção, como o comprova o título do trabalho, dar uma lista completa dos médicos nascidos na Beira Interior que tenham exercido a sua actividade, total ou parcialmente no Litoral; dos professores ou assistentes que daqueles locais saíram; dos que pertenceram a sociedades científicas ou revistas; das conferências e comunicações levadas a Congressos e reuniões médicas ou das obras de sua autoria saídas do prelo no Litoral. Quero efectivamente perpetuar no espírito de quem escuta a realidade de um renascer cíclico que não esperou 180 anos - tempo que medeia os nascimentos de Amato Lusitano e Sanches - para de novo se encontrar. Somatizo este acontecimento na figura de António Plácido da Costa, natural da Covilhã, onde nasceu a 1 de Setembro de 1848 e aí permanecendo até 1863, instante em que seu pai, Rafael da Costa, tecelão nesse local, foi contratado pela fábrica de lanifícios de Lordelo do Ouro, no Porto. Como o exprimiu o prof. Silva Pinto, "o filho, António Plácido da Costa, rapaz de 15 anos, vê-se pouco depois, aluno, prefeito e professor no Colégio do Pe. Six que, atraído pela inteligência do seu pupilo, o leva mais tarde a abraçar a carreira eclesiástica. Entretanto, como estranho ou externo, faz os exames

no Liceu Nacional e frequenta, também, a Academia Politécnica, até Julho de 1868, onde completa os exames de física, química, zoologia e botânica".

Em 1867, ao apresentar na aula de Botânica uma colecção, trabalho original, de preparação de histologia vegetal e animal, Plácido vai ser premiado pela Academia Politécnica, marcando o primeiro passo na longa caminhada que viria a efectuar neste domínio. Ainda nesta instituição efectuou várias cópias da planta do Jardim Botânico que foram ulteriormente incluídas no livro do dr. Francisco de Sales Gomes Cardoso, então professor da 10ª cadeira da dita Academia.

Concluídos os anos preparatórios, Plácido segue seu destino até ao Seminário de Cambraia, local onde grangeou uma formação humanista e onde, obrigado a dissertar sobre temas, adquire a argúcia da argumentação e a segurança do raciocínio que sempre apresentou. Aí permaneceu até 1870, data que coincidiu com a deflagração da guerra franco-prussiana. De retorno ao Porto, decide cursar medicina, tendo-se inscrito na Escola Médico-Cirúrgica desta cidade no ano de 1874. É seu condiscípulo o inesquecível Ricardo Jorge. Muitas foram as distinções angariadas por ambos. Anos mais tarde, é também Plácido que enriquece o trabalho de Ricardo Jorge sobre a peste bubónica no Porto, com várias fotografias de preparações histológicas de sua autoria, alusivas ao tema.

Decorrido um ano, Plácido, numa sociedade

* *Assistente Estagiária de História da Medicina. Interna Complementar de Ginecologia/Obstetrícia Hospital de S. João.*

formada por estudantes e criada com o objectivo de dinamizar a troca de ideias científicas entre os seus elementos - a Aliança Académica -, apresenta o tema "O microscópio e as suas revelações", demonstrando já um profundo conhecimento das ciências basilares e uma preocupação pertinente que o acompanhará ao longo da vida. Ainda quartanista criou em 1878 um curso prático e particular de Histologia, de cujos estudos foi iniciador no Porto. Finalizou seu curso com a apresentação da dissertação. "Apontamentos de micrologia médica", apadrinhado por Morais Caldas sendo interrogado por Pedro Dias, Eduardo Pimenta, Oliveira Martins e Urbino de Freitas e obtendo a aprovação, com louvor, rara nesses tempos. Começa já a ganhar forma o seu espírito experimental, o gosto pelo trabalho de laboratório e pela observação directa dos fenómenos biológicos; gosto este que o prof. Alberto de Aguiar caracterizou de simplicidade e meticulosidade experimental.

Plácido, ainda jovem, busca tal como outros grandes da Medicina Portuguesa unicamente a verdade e fê-lo, segundo as suas próprias palavras, timidamente e com ingenuidade, afastando-se de qualquer cópia desonesta ou banalidade insípida. É no manuseamento do microscópio que tão firmemente expressa este sentimento ao afirmar: "Verdade é que o micrógrafo não é uma criança. Muito embora, dirão, lhe franqueie, n'este objecto, a prática manual e sensorial, sempre que lhe reste o outro e summo instrumento de ciência - a razão. Senão vejamos. O que é a razão? Não esquadrinhando filosofias, e figurando redondamente o nosso conceito, a razão é simplesmente o metro da verdade". E mais adiante prossegue neste raciocínio: "Infelizmente, n'este museu métrico da inteligência há sempre abundantes lacunas. Os seus elementos são muitas vezes mal determinados, vagos, ondulantes corporativos, individuais até, e sujeitos às vicissitudes e colisões dos arrojos da ignorância, ou do furor e cegueira das paixões. Mas o sábio, sobranceiro a todos esses abalos, sabe aproveitar o melhor e mais seguro, não corta nem exagera a extensão das suas medidas..."

Em fins de 1879 e durante dois anos, Plácido, em Lisboa, é médico-oculista do consultório do Dr. Van der Laan; este, como afirmou Lourenço da Fonseca, foi "o mestre de quantos entre nós mais ou menos são versados em oftalmoterapia". Participou na publicação do *Periódico de Oftalmologia Prática* sob direcção do referido especialista redigindo uma totalidade de dez artigos; três de carácter clínico - comentários clínicos sobre doenças da córnea; Regras práticas sobre a preparação do colírio de ezerina e uma nova anomalia de conformação do cristalino - constituindo os sete restantes na apresentação de quatro inventos seus, em prática

no referido consultório. O primeiro destes, o "Novo instrumento de exploração da córnea" que Plácido designou de astigmatoscópio explorador, é hoje mundialmente conhecido por queratoscópio de Plácido. Nesse artigo, o autor descreve minuciosamente todos os passos que culminaram na criação do referido instrumento, bem como fornece explicações sobre o seu uso que, ulteriormente, viriam a garantir a posse de direitos sobre o mesmo. Sucederam-lhe, por ordem cronológica, o binoscópio ortopédico - novo instrumento para auxiliar a correcção subjectiva do estrabismo -, a cápsula higrótérmica - novo instrumento para aplicar o calor húmido nas doenças oculares, - e a bateria galvanoterápica. A divulgação em Portugal deu-se, mas foi variável em aceitação, sendo máxima a do queratoscópio e da bateria galvanoterápica. Plácido enriquece os seus artigos com esquemas dos referidos instrumentos e fotografias de imagens visuais corneanas resultantes da aplicação do queratoscópio.

De regresso ao Porto, expõe seus inventos numa das salas da Escola Médico-Cirúrgica, vigorando já entre estes o oftalmoscópio de Plácido criado no ano anterior.

Em 1882, na dissertação inaugural apresentada e defendida por Magalhães e Lemos foram incluídas várias preparações histológicas alusivas ao tema exposto e que nas páginas introdutórias da mesma, o autor considera Plácido o iniciador dos estudos histológicos no Porto.





António Plácido da Costa

Plácido, profundamente influenciado pela vivência adquirida no consultório do Dr. Van der Laan, faz um estudo sobre a “Fisiologia do punctum caecum da retina humana”, enriquecido por um esquema anexo, como tese de concurso a uma vaga de lente substituto da secção médica da Escola Médico-Cirúrgica. Foi o último trabalho publicado mas não seguramente o último efectuado.

A dada altura o prof. Silva Pinto comenta: “A pouco e pouco vai-se desinteressando da investigação... incompreensivelmente Plácido torna-se um vencido da Ciência”. Apraz-me encontrar nas palavras do sr. prof. Castro Correia, um seguidor de Plácido nos domínios dos padecimentos de visão e doenças oculares, a justa apreciação do aparente silêncio de Plácido: “Em 1883; Plácido tinha 35 anos. De facto; parece incompreensível que tão jovem ainda, Plácido tenha deixado de publicar. Não julgo porém, que por isso Plácido possa ser considerado como “um vencido da ciência”... após 1883 Plácido continuou a dedicar-se à investigação a maior parte do seu tempo”.

Na Escola e Consultório empreendia todo o seu tempo. Mas como tão originalmente o exprimiu o dr. Martins Barbosa: “Apesar de homem de ciência para quem a vida de laboratório era tudo, o prof. Plácido da Costa apreciava imenso as flores, a ponto de terem sempre um lugar de destaque na modestíssima sala da sua residência destinada a consultório. Devotado cultor de música, quando os seus momentos de vagar e as suas boas disposições de espírito o permitiam, tocava violino - o seu instrumento predilecto - com delicadeza de sentimento e a segurança de técnica, exigidas a um profissional, mas muito apreciáveis num virtuose”. Nunca descurando os estudos histológicos, regeu um curso de histologia de 1884 a 94. Fazendo uso das obras do Legado Nobre, a Escola Médico-Cirúrgica do Porto antecipa-se à resolução do Governo na criação da cadeira que Plácido vai reger até 1902. Retoma esta actividade ulteriormente em

1910 até 1916, ano do seu falecimento. Em 1884 ocupa igualmente o lugar de lente proprietário da 2ª cadeira, passando a professor ordinário desta a partir de 1911. Desde a primeira data e por vinte e dois anos consecutivos geriu o laboratório de Fisiologia.

Paralelamente entre 1883 e 1885 construiu um telescópio, o primeiro idealizado e feito em Portugal e, em 1884, o electromagnete oftalmoterápico. Sucederam-lhes muitos outros desde o miógrafo de Fredericq, ao electrómetro capilar de Lipman, a diapasões interruptores, ao reónomo de Fleisch, etc..., originais ou modificados, os últimos dos quais foram construídos nas Oficinas da Faculdade. O cilindro interruptor construído em 1915, foi o último instrumento criado por Plácido da Costa. A dado instante do seu trabalho biográfico sobre Plácido, o prof. Silva Pinto deixa transparecer uma preocupação e um desejo: “Causa pena não se poder juntar em sítio condigno toda esta aparelhagem, e bem assim os albúns de fotografias e de microfotografias suas. Oxalá as disciplinas que Plácido da Costa regeu ou o Museu de História de Medicina possam recolher um dia em lugar destacado, estas respeitáveis relíquias”. É a antevisão do facto. A aglutinação de grande parte dos instrumentos e objectos pessoais pertencentes a Plácido da Costa deu-se no Serviço de Fisiologia da Faculdade de Medicina do Porto. Estes transitaram ulteriormente para o Museu de História de Medicina por cedência do sr. prof. Pina Cabral, actual director do citado serviço que igualmente e em oníssonos com a Directora do Departamento ao qual pertencem, sr.ª prof.ª dr.ª Maria Olívia Ruber de Meneses, visaram criar um espaço digno da grandeza do homenageado, de forma a perpetuar seu nome e seus feitos na mente de quantos pelos múltiplos interesses aí se vão deslocando.

António Plácido da Costa foi um beirão que ao triunfar no Litoral e no Mundo fez uso da seiva de uma terra já longínqua mas não esquecida; um Homem que no início da sua carreira profissional tinha uma opinião firme sobre a Medicina e o Médico que constitui o seu auto-retrato e seguramente a imagem mais fiel.

“O médico não é um naturalista. O médico tal qual a humanidade o espera, é um sábio engenheiro concertador da machina humana. (...) O verdadeiro médico é o bom clínico. Analisar, comparar, classificar, é bom, é necessário, diagnosticar porém com medida precisa, e concretamente curar, é melhor, é tudo.

É esta a permanente ocupação do engenheiro clínico em Serviço. Esta vai ser a tarefa de nossa vida inteira. Deixemos pois a outrém locubrações incompatíveis de sciencia pura; e levemos o nosso instrumento, agora em traje modesto de viagem, ao campo chão e positivo da nossa prática”.

EPISTEMOLOGIA DO SENESKER: DOENÇA, DOENTE, SAÚDE E MORTE

Josias Gyll*

A pessoa a viver a sua existência sofre uma progressiva socialização, mercê da dialéctica entre ela e o espaço social em que está situada e, numa visão behaviourista, à medida que o adquirido a estrutura através de experiências vividas, o inato perde grandeza; assim, a causa das perturbações ou do psicometamorfismo da Pessoa senescente está mais no meio eco-social do que numa pré-determinação genética; mas, numa visão lamarckiana, no hereditário existem factores somáticos, psíquicos, instintivos e sociais, - arquetipos que não só influenciam toda a existência vivida da Pessoa situada, por condicionarem as suas aprendizagens, mas também sofrem, por aprendizagem, uma plasticidade adaptativa ao espaço e ao tempo em que a Pessoa se situa, em seu desenvolvimento. Neste espaço (refiro-me à região da Beira Interior), penso que é relevante uma cultura muito condicionada pela ética judaico-cristã, a qual confere ao hereditário uma componente fatalista predominante, na qual um deus castigador é autor de doença e outras componentes de Morte. Todavia, consideramos que o hereditário é muito mais um conjunto de potencialidades para viver, do que vulnerabilidades ou cargas mórbidas destrutivas do Proprium. Estas reflexões afastam o conceito arreigado, fatalista, da existência de uma causa pré-determinada, condicionante de inexorabilidades. A fatalidade tem íntimas relações com a ignorância.

Velhice é muito mais um fenómeno psico-sócio-cultural do que um processo somático, ou do que uma idade cronológica. Velhice é uma expressão do SER, é um comportamento, como o é a infância, a adolescência ou a adultícia. É por se ter entendido que velhice é sinónimo de degradação, que ela tem sido confundida com doença. Ser idoso não é ser Doente nem é ter doença, assim como ter doença ou ser Doente não é sinónimo de ser velho. Também velhice não é fealdade; como o jovem senesce, a beleza do jovem envelhece, pelo que temos a beleza do jovem e a beleza do velho. A nossa aprendizagem neste sentido tem sido uma colonização constituída por conceitos apriorísticos utilitários que têm privilegiado o jovem, a força física e a agilidade, que têm servido para entender o Homem como factor de produção económica e numa visão quantitativa, com prejuízo da qualidade. Este colorido cinzento de conceitos, conseguiu subverter os comportamentos humanos a ideologias, esses "sistemas que encontram dentro deles a sua própria verdade", apropriando-se de materiais propícios e rejeitando os ameaçadores.

Que me sejam permitidas estas análises, necessariamente verdadeiras, apodícticas do saber, estes juízos assertóricos da fé, juízos que servem,

que são convenientes, que são adequados àquilo em que acreditamos.

São também verdadeiros sem serem obrigatoriamente lógicos.

É que, se entendermos a irracionalidade daqueles preconceitos desumanizantes, pesados de intenções subreptícias, toda a problemática tradicional da senescência do Homem é ameaçada, e conduzimo-nos a novos critérios, a novas formas de julgamento, de inter-relação e de intervenção.

A Gerontologia é uma antropociência de mutação na Medicina, dinamizada pela reflexão epistemológica, - base essencial do processo científico.

O princípio da actividade científica não é mais a observação de Claude Bernard, mas sim o problema, a questão. Desde Karl Popper que não se recusa valor científico ao que não é de imediato observável, desde que seja critério epistemológico, desde que se construam quadros racionais de pensamento, de interpretação e de previsão e desde que venha, ou possa vir a verificar-se acordo e reciprocidade entre a teoria e actividades práticas, pela conjugação das três noções epistémicas de Kant contidas na convicção: opinião, o assertórico crença e o apodíctico saber.

* Consultor de Clínica Geral. Geriatra.

A MEDICINA TEM DE SER REPENSADA

“A Medicina não o será quanto baste, se recusar a Filosofia”.

O carácter reducionista da Medicina tem conduzido o médico por um percurso fácil e rectilíneo que tem reduzido o Homem ao seu corpo, a anatomopatologias e, quando muito, a fisiopatologias; e é este modelo tradicional da Medicina que conduziu à segmentação do corpo da Pessoa, - segmentos distribuídos por medicinas especializadas; são medicinas pletóricas de técnicas e de saberes imprescindíveis, mas ao serviço das aparências, do periférico, do superficial, do fácil, do perceptível: O clínico geral, e também o gerontologista, na posse de dados fornecidos pelos técnicos-especialistas, deverão atingir o que vive para lá do perceptível, isto é, para lá da doença; só assim não acontecerá uma medicina medíocre.

A Saúde deve ser entendida como dialéctica, em emergência continuada, reequilibrante da Pessoa com o meio e da Pessoa consigo mesmo. Isto significa que Saúde é equilíbrio instável; porque equilíbrio estável é morte.

Ser Doente não é mais que estar perturbado, - perturbação consequente da dialéctica entre a Pessoa e o meio. Doença é comportamento da Pessoa perturbada. Isto significa que a Pessoa não é Doente por ter doença; ela tem doença por ser Doente; muitas vezes ela tem doença para não ser Doente. Isto significa também que a doença contém uma finalidade comum a todo o comportamento do SER Humano que é a de se preservar como SER, de preservar a VIDA, de restituir o equilíbrio, isto é, a Saúde. Significa ainda que a doença contém um psicodinamismo reactivo, ou substitutivo, ou de compromisso; a energia deste biodinamismo é directamente proporcional à vitalidade da Pessoa que a expressa; por isso compreende-se que, no senil, a doença seja frágil nas suas expressões sintomáticas e que não cumpra os objectivos da sua existência.

A doença, como expressão ou comportamento do SER-Doente, é sempre dependente da camada histórico-sócio-cultural da Pessoa que a sofre; por isso, e só por isso, ela não é igual em todos os povos, nem é igual em todo o homem do mesmo povo; mas em qualquer Pessoa, e com relevância para o idoso, a doença é sem-pre vivida para além da bio-física, numa perspectiva cronológica feita de angústia, na qual há conteúdos de morte. Assim, é obrigatório que o médico personalize a doença, principalmente no idoso que é um SER fortemente diferenciado.

A doença é para o médico apenas o conhecimento que ele tem dela. Para o Doente é uma linguagem, é uma expressão corporal, é um comportamento de

luta do reactivo SER perturbado; às vezes é um modelo com o qual ele, Doente, reequilibra a relação inter-individual perturbada, substitutiva ou nula. Para a relação médico-Doente, a doença é o veículo de compromisso e, já que assim é, ela deve ser o veículo do diálogo afectivo, na situação terapêutica. O Doente e nós, médicos, continuamos erradamente a ter necessidade duma doença que justifique o diálogo entre Doente e médico.

Há perturbações comportamentais no idoso que são apenas tédio, mas tédio não é mais que carência de diálogo, carência de comunicação.

O diálogo é sempre difícil quando o médico tem mais convicção que compreensão; dialogar é mais saber ouvir que saber dizer. O Idoso exige de nós disponibilidade. Não devemos continuar a ocupar-nos apenas da doença; devemos, sobretudo, ocupar-nos com o Doente.

Assim como a doença de um órgão não existe isolada da totalidade anátomo-fisiológica, nem o corpo pode ser concebido, em suas acções de Vida, isolado da camada psíquica (ou vice-versa), também não é possível estudar a Pessoa sem uma análise eco-social dos meios nos quais ela se situou desde o nascimento, e também do meio em que, actualmente, se situa; porque é do meio que ela adquire a estrutura bio-psico-cultural, mercê da dialéctica a que já me referi.

Estabelecidos os diagnósticos do adoecer, ou do Doente, ou da doença, a Gerontologia medita a terapêutica, a qual está condicionada pela idade biológica do Senil, pela farmacocinética, pela iatrogenia, a qual se agiganta no Senil, e ainda pela vulnerabilidade do terreno, pela multimorbilidade (expressada ou não), e pelo psi-quismo do Senil, pela sua camada sócio-histórico-cultural que, como é óbvio, se dilata à medida que os anos se acrescentam, pelo ambiente eco-social, quase sempre adverso, e ainda pela dialéctica entre o senil e a ambiência.

Restituir a SAÚDE é reequilibrar o SER perturbado; é criar-lhe capacidades de adaptação às suas limitações; é criar-lhe circunstâncias e intenções de se relativar, para re-estabelecer a relação afectiva com a família e com a comunidade, e destas com ele.

Perante o HOMEM, o médico terá sempre de considerar quatro objectivos fundamentais:

1. Manter a SAÚDE através da senescência, mantendo a Pessoa activa, já que a actividade é condição “sine qua non” para uma longa vida saudável. Quando falamos de actividade, referimo-nos à mobilização das três acções com as quais são elaborados todos os comportamentos, motrocidade, cognição e afectividade.

2. Evitar o adoecer, a doença e a grande-invalidez-social, entendendo-se por esta, o impedimento de a

Pessoa viver na comunidade, e *para ela*, como todos os outros, embora com os condicionamentos das suas capacidades ou das suas possibilidades, isto é, das suas aptidões centrais ou das suas aptidões periféricas, respectivamente.

3. REABILITAR a Pessoa para que se expresse, em actividade, com comportamentos saudáveis e adequados. Mas entenda-se que reabilitar não é conseguir do geronte um elemento do padrão estereotipado da sociedade, nem é teimar que ele venha a ser como era, antes das suas limitações. Reabilitar a Pessoa é criar-lhe mecanismos de adaptação às suas deficiências para que os use quando entender; é conciliá-la com ela própria, e é solicitar-lhe o máximo possível das capacidades e das possibilidades, na construção dum futuro seu e dos outros.

4. Ajudar a Pessoa a morrer..

Todos nós nos confrontamos no dia-a-dia da nossa práxis não só com a saúde e com a doença, mas também com a Morte.

Por isso, propus-me falar-vos dela, da Morte, o que nos obriga a uma reflexão na qual a ciência médica se intrinca com as matérias antropológicas. E porque toda a Filosofia é meditação sobre a Morte, o médico que a recusa está irremediavelmente incompleto.

Por esta razão tenho pensado que este encontro não deveria terminar sem algumas reflexões sobre o Doente-Terminal.

E quando vos falo do Doente-Terminal, faço um apelo a todos vós - a todos nós - para o respeito pelo que há de humano - de profundamente humano - na Pessoa que sofre a sua Morte.

Todos nós devemos oferecer condições internas e externas à Pessoa para morrer com dignidade, entre os outros.

É desumano fugirmos do moribundo. Toda a gente deve morrer a viver o seu existir.

Mas, que sabemos nós do espaço que antecede a Morte?

A Morte é muito mais um fenómeno psico-sócio-cultural do que um processo somático no qual os vivos vivem a morte do morto e o moribundo vive a sua morte.

Rigorosamente, a Morte é um mito; ela não existe como verdade conhecida; também não existe psicologicamente, porque não é repetitiva. A Pessoa que morre e nós que sofremos a sua morte sofremos fantasmaticamente apenas o que aprendemos, apenas o que pensamos e sentimos dela.

A Morte é separação, é autonomia suprema na qual a Pessoa se liberta de todo o condicionamento, nomeadamente do do próprio viver. Mas é a única autonomia.

Este construto epistemológico conduz-nos à compreensão do que terá de ser a práxis do gerontologista, e será esta atitude gnoseológica

humanista da MEDICINA que virá a estruturar o Clínico Geral Médico de Família e o Gerontologista.

É por isto que o estudo da Gerontologia está a conduzir-me à persuasão, e mesmo à convicção (opinião"crença"saber), de estar a acontecer uma mutação da MEDICINA, o que é característico de todos os fins-de-século.

Nenhum médico pode ajudar o Doente sem que tenha uma visão global da Pessoa, e nenhum médico pode ter tal visão na ignorância dos factores que esta visão engloba.

A Gerontologia, ciência multidisciplinar elaborada de antropociências, perante o Doente, com ou sem doença, conduz-se ao estudo da estrutura unificada da Pessoa e, para o efeito, terá de abordar as seguintes áreas: a camada histórico-sócio-cultural; a totalidade psico-somática; o ambiente eco-social; a dialéctica Pessoa-ambiente. São estas as áreas em que o médico terá de intervir em acções terapêuticas.

O Gerontólogo quando elabora a HISTÓRIA CLÍNICA desvenda o Homem histórico, não só pelo conhecimento das suas doenças passadas mas, principalmente, pela investigação dos reliquats psico-somáticos que lhe vivem; e desvenda a qualidade da imaginação do Homem, a qual é fabricada não só com os conteúdos do inconsciente colectivo que o hereditário suporta (segundo Lamarck), mas também com as memórias inconscientes dos seus afectos e dos seus pensamentos esquecidos; e investiga a qualidade e as razões das suas necessidades e das suas decisões, as quais, temos verificado, são muito mais dependentes da imaginação do que duma lógica. Estes, são os factores que nos conduzem ao conhecimento da camada histórico-sócio-cultural do Homem, e que constituem o seu conteúdo, o qual dita e modela os comportamentos da Pessoa com quem estamos confrontados na consulta.

Como investigar todo este contexto histórico?

Através da entrevista e da interpretação dos comportamentos. É esclarecedor, por exemplo, o modo como a Pessoa fala da sua anamnese; o interesse que ela confere a certos factos e o desinteresse que põe noutros; os seus juízos de valor; o que pensa e sente da sua existência já vivida; a qualidade das suas necessidades, as quais dependem do seu nível cognitivo e afectivo e da cultura do seu espaço.

Todos sabemos, por exemplo, que a criança tem necessidade de brincar, que nós temos necessidade de meditar a Medicina, que outros terão necessidade de ocu pações lúdicas numa discoteca. O material de que estes três tipos de Gente se servem, para satisfação das suas necessidades, é diferente, porque diferente é o nível de cultura e o capital cognitivo e afectivo de que dispõem ou que contêm,

para elaborarem as suas ocupações.

Neste estudo, a Gerontologia atinge não só o diagnóstico etiológico da doença (quando esta exista), mas também e, fundamentalmente, o conhecimento do SER-DOENTE, isto é, da Pessoa perturbada e, ainda, desvenda e diagnostica o terreno susceptível ao adoecer, e procura apurar a sociogenia das perturbações do Ser-Humano, das suas doenças e dos seus comportamentos, que não permite ao humano a liberdade de lutar ou de fugir; e não permite por ignorância, - ignorância que resulta de carência de memória e de consciência, já que a consciência está ligada à memória da perenidade e da unidade do indivíduo em dialéctica com o ambiente.

É esta relação da dialéctica com o morrer que nunca foi vivida; por isso, o moribundo não possui a sua experiência nem, corolariamente, possui a memória da consciência dela.

Na Morte, o corpo perde dimensão, o Ser ganha-a. Este contexto favorece o sofrimento de angústia de mudança, de direcção ao continente desconhecido no qual o Homem encontra Deus - encontra Deus, porque Se encontra e encontra os outros; o sofrimento une pessoas.

A Morte pode ser diferente para o moribundo ou para nós, porque diferente poderá ser o capital de conhecimento e de sentir, mobilizado quando pensamos a morte; mas, temos que conhecer, para o ajudar, como é que, o moribundo elabora a acomodação à sua morte; senão, ele sofre sozinho, porque está só quando morre. No contexto ambiente de aproximação da morte, estabelece-se habitualmente uma conspiração de silêncio indesejável - indesejável porque inibe o diálogo interpessoal sobre a angústia que envolve todos os que estão ligados - o moribundo, a família, os amigos, o médico.

Os vivos choram e sofrem, no moribundo, a sua própria morte porque, quando alguém morre, é uma parte de nós ou em nós que morre também. Nós choramos a nossa morte, choramo-nos, choramos a nossa perda, choramos a morte da nossa ligação com o morto, e angustiamo-nos nas memórias do morto, que estão em nós, que são nossas.

A Morte é o maior estimulante mnésico. É obrigatório que o Clínico Geral ajude a família a manter a continuidade dos laços com o moribundo, a fim de lhe facilitar a elaboração da Morte; deve falar-lhe com serenidade, contemplativamente; deve tocá-lo com as mãos, em silêncio, que é uma forma de diálogo afectivo e cognitivo, rica, verdadeira e profunda.

Dirijo-me a todos nós, médicos, mas muito especialmente aos Clínicos Gerais: a nossa práxis está frustrada e irremediavelmente incompleta sempre que não estamos lá, a ajudar a Pessoa a morrer. Não é por sermos médicos que somos

humanistas, mas é o Humanismo que faz grandes médicos, porque faz grandes homens. A Morte não é uma derrota para o médico, se este oferecer até ao fim, à Pessoa, a melhor qualidade de vida possível; não importa *quando* se morre, importa sim como se morre e, mais ainda, como se vive até morrer. (1)

A vida tem razões que a ciência médica não conhece, mas que o médico tem de conhecer, investido de uma humildade intelectual que lhe permita perceber que todos nós, médicos ou não, somos muito diferentes naquilo que sabemos, mas somos rigorosamente iguais no infinito da nossa ignorância.



Dr. Henrique Carvalho
Caricatura de Tossan, 1947

(1) É por isto que, neste momento, recordo com profundo respeito e com grande amor e saudade o meu amigo Dr. Henrique Mendes Carvalho que, com o seu grande saber e afectividade, dedicou a sua vida ao povo desta Região; ele soube viver até morrer e morreu a viver, ocupado com um doente que ia visitar.

BIBLIOGRAFIA

Bernard, P. - "Le developpement de la Personalité". Ed. Masson, 1975.

Gil, Fernando - "Provas". Ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Set. 1986.

Gyll, J. - "Gnoseologia de Doente, doença e saúde IV Congresso Português de Geriatria". Out. 1983.

Gyll, J. - "Pluridimensionalidade da Gerontologia - V Congresso Português de Geriatria e de Gerontologia". Out. 1984.

Laborit, H. - "Les Comportements". Masson & Cie Editeurs, 1973.

Martincevice, L.R. - "Psihosocialni Aspekti Umiranda Starijih Osoba U Instituciji". (Aspectos Psicossociais da Morte em instituições de Idosos). Congresso de Gerontologia Ljubljana, 4-7 Abril, 1982.

Piaget, J. - "Psicologia e Epistemologia". Pub. Dom Quixote. 3ª Ed., 1977.

Vieira, A. Bracinha - "Psiquiatria e Etologia, 1979".

AS I JORNADAS DE “MEDICINA NA BEIRA INTERIOR - DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉC. XIX”

PROGRAMA, ACTIVIDADES E NOTICIÁRIO DA IMPRENSA

Encontro interdisciplinar em Castelo Branco

Com a organização da Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos (SOPEM), do Museu Tavares Proença Júnior e de um grupo de médicos residentes em Castelo Branco, vão realizar-se nos dias 31 de Março, 1 e 2 de Abril de 1989, nesta cidade, umas Jornadas de estudo que terão por tema a medicina na Beira Interior, desde a pré-história ao século XIX.

Tratando-se de um acontecimento cultural que se prevê vir a assumir grande destaque, quer naquela região quer em relação ao mundo científico nacional, *Notícias Médicas* colheu algumas impressões sobre as referidas Jornadas, junto de dois elementos da organização, o Dr. António Lourenço Marques, assistente de anesthesiologia no Hospital de Castelo Branco, e o Dr. António Salvado, director do Museu Tavares Proença Júnior.

Medicina na Beira Interior - da pré-história ao século XIX - é sem dúvida um título não só ambicioso como surpreendente. Será legítimo falar-se de medicina na pré-história?

Não há dúvida que o conhecimento da mentalidade e das tecnologias do homem primitivo permanecerá para sempre algo desconhecido. Porém, pretende-se que a partir dos testemunhos que nos ficaram (os artefactos, a arte, etc.) seja possível chegar-se ao estabelecimento dos modelos que certamente regiam o homem mais língüquo, na sua luta pela vida e a sua precária possibilidade de a conservar. De maneira que iremos aguardar aquilo que os arqueólogos e os antropólogos terão para nos dizer. E se falamos em medicina é porque supomos ser ela tão antiga como o próprio homem, colocado

desde sempre num meio hostil, carregado de intempéries naturais, como as tempestades, a própria noite, a necessidade de obter alimentos, quase sempre disputados com luta, a doença e a morte. O instinto de conservação é inerente a qualquer ser vivo, não fugindo o homem a esta exigência natural. E isto numa perspectiva de estudo que vai do pelolítico às épocas mais recentes da pré-história.

No entanto, parece-nos haver uma preocupação vossa em fazerem incidir tudo isso na Beira Interior?

Os materiais de estudo, no âmbito temporal que se pretende, e que dizem respeito à Beira Interior, permitirão concretizar (como se verá) o projecto enunciado. Aliás, o entusiasmo que se vai notando em alguns dos nossos mais conceituados arqueólogos é disso prova...

O cartaz divulgador das Jornadas pressupõe, nas suas Indicações, um âmbito científico extremamente longo. Acham que, através de comunicações, será possível abordar tantas áreas do saber?

A abordagem de qualquer aspecto histórico da medicina deve ter em conta o contexto económico, social e científico em que foi produzido. Não é possível isolar nenhum desses aspectos do tempo que o estruturou. Os progressos da medicina têm ocorrido geralmente integrados no desenvolvimento global da sociedade, coincidindo quase sempre, por um lado, com o desenvolvimento económico e social e, por outro, com o desenvolvimento das outras formas de actividade intelectual, como a arte, a literatura, as humanidades, a filosofia, etc.

Falar da medicina da pré-história ao século XIX na Beira Interior, é pois falar duma história cultural, ou

duma história das ideias que serviram de matriz ao progresso nos diferentes campos, incluindo a medicina.

Exemplar será, por exemplo, a época do Renascimento em que Portugal também participou, com rara originalidade, no desenvolvimento da civilização ocidental. A própria Beira Interior não ficou alheia a este movimento geral europeu. Na medicina é a época de Amato Lusitano e de Filipe Montalto, médicos que nos deixaram obra relevante.

Mas os participantes e os comunicantes irão afinal pertencer a que áreas definidas do estudo e da investigação?

Pensamos que desde o arqueólogo ao antropólogo, desde o médico especialista ao sociólogo, desde o historiador das mentalidades ao linguista, desde o filósofo ao geógrafo, todo o mundo da ciência poderá estar representado nas Jornadas, porque todo esse mundo teve, ao longo do tempo, as suas concretizações na Beira Interior. Claro que para um desenvolvimento aceitável destas Jornadas, inúmeras secções terão que ser criadas.

De qualquer modo, entre essas várias secções, algumas haverá que irão suscitar maior interesse quer pela importância dos temas tratados quer pelo número previsível de comunicações. Entre elas, quais aquelas que poderão vir a assumir maior evidência?

A incidência na história das mentalidades julgamos poder vir a ser talvez a característica mais significativa das nossas Jornadas.

Houve alguma razão particular para excluírem o período que vai do fim do século passado à actualidade?

Bem, pensamos ser ainda cedo para englobar nos nossos estudos a época actual. É o tempo que ajuda a clarificar os acontecimentos e os seus autores e lhes confere a verdadeira importância na história do desenvolvimento. Prolongar até à actualidade o âmbito das Jornadas, seria correr um risco muito grande de fazer um estudo incompleto e mesmo injusto. No entanto, queremos tocar esta época numa outra forma. A coincidir com as Jornadas, estamos a planear uma grande exposição no Museu Tavares Proença Júnior, de obras de arte da autoria exclusiva de médicos artistas. Pensamos também homenagear desta forma dois médicos do século XX, um dos quais muito ligado à Beira Interior.

Também pensamos organizar uma exposição bibliográfica, onde certamente aparecerão obras de autores médicos contemporâneos.

Como surgiu enfim a ideia deste vosso propósito? Contam para já com alguns apoios?

Do contacto entre elementos da Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos, de um grupo de médicos residentes em Castelo Branco e da direcção do Museu Tavares Proença Júnior, foi-se corporizando a intenção de, através da medicina, num sentido alargado, levar a efeito um conjunto de sessões que constituíssem motivo de reflexão e de estudo acerca da realidade antropológica da Beira Interior, através dos tempos. Talvez que um dia estas Jornadas venham a transformar-se num autêntico congresso...

Por agora, e com o patrocínio da SOPEM e ainda dos apoios que achamos justo nos venham a ser proporcionados, tentaremos realizar, com o maior entusiasmo, estas primeiras Jornadas. Serão também algo como que uma homenagem às centenas e centenas de beirões que, pelo menos desde o século XVI, têm procurado as faculdades de medicina portuguesas e estrangeiras para aí aprenderem a arte de Esculápio e através desse saber e da sua aplicação ajudarem a minimizar o sofrimento humano, que é no fundo o verdadeiro sentido do desenvolvimento, onde muitos deixaram marcas indestrutíveis.

In Notícias Médicas

Jornadas sobre Medicina na Beira Interior

Por iniciativa do Grupo de Médicos de Castelo Branco, terão lugar nos dias 13 de Março, 1 e 2 de Abril, as I jornadas de estudo "Medicina na Beira Interior - da pré-história ao século XIX", que contam com o apoio da Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos e do Museu Tavares Proença Júnior.

Estas jornadas têm como objectivo proporcionar um encontro de especialistas das diferentes áreas das Ciências Humanas que "encontrem a substância das suas comunicações na realidade cultural da Beira Interior".

Paralelamente, decorrerá uma exposição de artes plásticas (artistas médicos) e uma exposição bibliográfica (obras de ou sobre médicos nascidos na Beira Interior), no Museu Tavares Proença Júnior.

As Beiras

Medicina da Beira Interior tema de Jornadas de estudo

Reunir especialistas das diferentes áreas das ciências humanas, que encontrem a substância das suas comunicações na realidade cultural da Beira Interior, é o principal objectivo das I Jornadas de Estudo da Medicina na Beira Interior - da Pré-História ao século XIX.

O Encontro que se realiza em Castelo Branco, do dia 31 até 2 de Abril, desenvolver-se-á numa "perspectiva interdisciplinar e tendo como pólo referenciador aquilo a que usualmente se chama de medicina", como afirmam os organizadores, a Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos, o Museu Tavares Proença Júnior e o Grupo de Médicos de Castelo Branco.

Pretendem, assim, os promotores da iniciativa que, "a partir de uma vastíssima gama de testemunhos, se clarifiquem aspectos que, ao longo do tempo, foram definindo o viver do homem nesta região do interior português".

Da arqueologia à história das ideias, da antropologia à sociologia, da geografia à botânica, da anatomia à fisiologia, da filosofia à literatura e à linguística, da história política e institucional à história económica e social podem, com efeito, ser detectadas as componentes que são "características originais daquela realidade cultural e existencial que forma a Beira Interior, na vertente que desde sempre tem preocupado o homem: a luta contra a doença e a morte".

A medicina na Beira Interior na Pré-História, durante as culturas pré-romanas, na Antiguidade Clássica, no período medieval, no Renascimento, no antigo regime e dos finais deste até aos últimos anos do século passado, são as épocas em que estas jornadas se propõem estudar e debater o tema que justificam estando, por outro lado, previstas duas exposições de artes plásticas (de obras de artistas médicos) e uma outra bibliográfica (obras de ou sobre médicos nascidos na Beira Interior).

Os Ministros da Saúde e de Educação, a Secretária de Estado da Cultura, o presidente do IPPC, os governadores civis da Guarda e de Castelo Branco, o reitor na Universidade da Beira Interior, os presidentes das comissões instaladoras dos Institutos Politécnicos da Guarda e de Castelo Branco e o presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos integram a comissão de honra destas jornadas, fazendo parte da sua comissão executiva, entre outros, António Lourenço Marques, António Salvado, António Pires Antunes, Dias de Carvalho, Isabel Correia Diogo e Mendes Robalo.

Diário de Notícias

Jornadas Médicas na Beira Interior

Com a organização da Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos (SOPEM), do Museu Tavares Proença Júnior e de um grupo de médicos residentes em Castelo Branco, vão realizar-se de 31 de Março a 2 de Abril, nesta cidade, umas jornadas de estudo que terão por tema "A medicina na Beira Interior, desde a pré-história ao século XIX".

Dois elementos da organização, o dr. António Lourenço Marques, médico anestesista no Hospital de Castelo Branco e o dr. António Salvado, director do Museu Tavares Proença Júnior, afirmaram em entrevista ao *Notícias Médicas*, que a medicina deve ser tão antiga como o próprio homem, daí a abordagem deste campo científico desde os tempos da pré-história.

Salientam ainda que qualquer aspecto histórico da medicina deve ter em conta o contexto económico, social e científico em que foi produzido. "Os progressos da medicina têm ocorrido geralmente integrados no desenvolvimento global da sociedade, coincidindo quase sempre, por um lado, com o desenvolvimento económico e social e, por outro, com o desenvolvimento das outras formas de actividade intelectual, como a arte, a literatura, as humanidades, a filosofia, etc."

Aqueles elementos da organização referiram ainda que "a história das mentalidades pode vir a ser a característica mais significativa das jornadas".

Esta iniciativa deve contar com a presença de vários especialistas, desde o pré-historiador ao antropólogo, passando pelo médico, o sociólogo, o historiador das mentalidades, o linguista, o filósofo e o geógrafo.

29.12.88 - *Correio da Manhã*



PROGRAMA

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE CASTELO BRANCO

Dias 31 de Março e 1 e 2 de Abril de 1989

Dia 31 - Sexta-Feira

10.30 h - Recepção dos participantes e entrega de documentação.

11.30 h - Sessão de abertura.
1ª Comunicação: *Médicos escritores da Beira Interior* pelo prof. Armando Moreno.

12.30 h - Almoço livre.

14.30 h - Recomeço dos trabalhos.

16.00 h - Intervalo para café.

16.15 h - Continuação dos trabalhos.

18.00 h - Encerramento da sessão da tarde.
- Visita à Exposição Pinturas de Fernando Namora, gentilmente proporcionadas pela Exma Senhora Dona Zita Mendonça Namora, e à Exposição bibliográfica Médicos - autores naturais da Beira Interior, organizada pela Exma Direcção da Biblioteca Municipal de Castelo Branco.

Ambas as exposições se encontram montadas no Museu Tavares Proença Júnior.

Dia 1 de Abril, Sábado

09.30 h - Início da sessão de apresentação de comunicações.

11.00 h - Intervalo para café.

11.15 h - Recomeço dos trabalhos.

12.30 h - Almoço livre.

14.30 h - Recomeço da apresentação de comunicações.

17.00 h - Encerramento dos trabalhos.
- Visita guiada pelo burgo antigo de Castelo Branco, aos locais onde se desenvolveram, através dos tempos, acções de assistência.

19.30 h - Jantar num restaurante da cidade.

Dia 2 de Abril, Domingo

09.30 h - Recomeço dos trabalhos.

11.00 h - Intervalo para café.

11.30 h - Apresentação das últimas comunicações.

12.30 h - Leitura de conclusões.

13.00 h - Encerramento.



A vida e a morte na Beira Interior dominaram Jornadas Médicas

Uma longa reflexão antropológica sobre o homem da Beira Interior, é, em termos sintéticos, o resultado das I Jornadas sobre a História da Medicina, que no último fim-de-semana tiveram lugar em Castelo Branco. Acontecimento cultural, enriquecido pela participação de professores universitários, médicos, ou pessoas ligadas à investigação histórica, as Jornadas mostraram o enorme património regional por explorar e, ao mesmo tempo, a capacidade da comissão organizadora, especialmente de um grupo de médicos liderado pelo dr. António Lourenço Marques, e do Museu Tavares Proença Jr., com a sensibilidade do seu director, dr. António Salvado.

No debate, uma ideia força haveria de surgir com carácter referencial: a interdisciplinaridade que marca a História da Medicina na BI e o contributo que uma análise de tão longa duração - as Jornadas abarcavam um horizonte temporal que ia da Pré-História ao Séc. XIX - fornece para uma compreensão global do homem como produtor da sua história. Essa largueza temática decorre da diversidade das comunicações, que, de facto, preencheram os objectivos cronológicos previstos. E não surpreende, por isso, que uma das conclusões das Jornadas defenda a sua "continuidade, anualmente, na Beira Interior, zona antropológica riquíssima e ainda superficialmente estudada".

O facto da "história da medicina em Portugal viver uma situação decadente", foi o aspecto algumas vezes afluído, ao mesmo tempo que se sublinhava a perspectiva inovadora desta iniciativa. E, por isso mesmo, se considerou que "Castelo Branco poderá ser cidade emblemática em termos de história regional da medicina".

Na sessão de abertura, António Lourenço Marques não deixou de perspectivar um dos sentidos das Jornadas: "Elas constituem uma homenagem às centenas e centenas de beirões que, pelo menos desde o século XVI, têm procurado as faculdades de medicina portuguesas e estrangeiras para aí aprenderem a arte de Esculápio e que, através desse saber e da sua aplicação, ajudaram a minimizar o sofrimento humano, contribuindo ainda para a formação de uma nova mentalidade, que é, afinal, a mentalidade dos tempos modernos".

No séc. XIV havia 3 médicos diplomados na Beira Interior

Uma das comunicações mais interessantes

pertenceu ao arqueólogo Luís Raposo que abordou a "Doença e a morte na Beira Interior, durante a Pré-História". A Prof. Iria Gonçalves transportou a discussão para a Idade Média falando dos "Médicos Diplomados na BI, em quatrocentos": na região havia três médicos diplomados e a medicina repartia-se entre aqueles e os curiosos, seguramente em maioria.

O eng. Manuel da Silva Castelo Branco, que foi presidente da Câmara, e em Lisboa prossegue uma exaustiva investigação sobre a história albicastrense e regional, falou da "Assistência da doença na vila de Castelo Branco e seu termo, desde finais do séc. XV aos começos do séc. XVI".

"A medicina popular no séc. XIX: a sua prática nas aldeias da Serra da Gardunha", foi estudada pelo dr. Albano Mendes de Matos e o Prof. Alfredo Rasteiro falou de "João Rodrigues Castelo Branco e a solidariedade médica na luta contra a doença e a morte". Por outras comunicações se pode avaliar a dimensão das Jornadas: dra. Amélia Assunção de Ricon-Ferraz, "Plácido da Costa - um beirão que triunfa no litoral";

Dr. António Lourenço Marques "Para a história da morte no séc. XVI: a certificação da morte em Amato Lusitano; as outras formas de morrer em Frei Heitor Pinto";

Prof. Armando Moreno, "Médicos-Escritores da Beira Interior",

Dr. Ernesto Pinto Lobo, "O termalismo na Beira Baixa";

Dra. Fanny André Font Xavier da Cunha, "Valores científicos da Beira Interior no estrangeiro: - António Nunes Ribeiro Sanches, o Médico Higienista (1669-1783)";

Dr. Fernando Dias de Carvalho, "Evocação do Doutor José Lopes Dias";

Prof. José Geraldês Freire, "Problemas literários das obras de Amato Lusitano";

Dr. Josias Gyll, "Epistemologia do Senescer: Doença, doente, saúde e morte";

Dra. Maria Adelaide Neto dos Santos Forte Salvado, "A terra e os homens da Beira Interior nos Relatórios Médicos nos inícios do séc. XIX";

Dra. Maria Clara Mendes Vaz Pinto; "O Hospital da Misericórdia do Fundão, no século XIX";

Dra. Maria da Assunção Vilhena Fernandes, "A medicina popular no concelho de Proença-a-Nova: Recursos para a cura das enfermidades baseadas nos reinos da Natureza; práticas mágicas; ensalmos, exorcismos";

Dra. Olinda Maria de Almeida Morais Sardinha, "Ex-votos e amuletos da Beira Interior, na colecção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia"; Dr. Romero Manuel Bandeira Gandra, "A iatroética e o "Retrato Del Perfecto Médico" de Henrique Jorge Henriques, no âmbito médico-social renascentista.

45 anos depois pintura de Namora regressa a Castelo Branco

A pintura de Namora regressou a Castelo Branco, 45 anos depois de aqui ter realizado a sua primeira exposição individual. Estávamos então em 1944 e Fernando Namora exercia a medicina em Tinalhas. O tempo e o lugar dessa vivência traduziam, na definição do escritor, “um mundo de primarismo e servidões, por isso áspero e implacável”.

A exposição constituiu um acto complementar das I Jornadas - com um significado especial: a evocação de Namora, poucos meses depois da sua morte, na Beira que ele tanto amou e, durante um fórum sobre a História da Medicina, temática sempre tão presente na sua fecunda actividade criadora.

A iniciativa tornou-se possível graças ao interesse de D. Isaura Mendonça Namora que, com inextinguível gentileza, possibilitou a reunião de um significativo número de obras.

Jornal do Fundão



Medicina na Beira Interior

Pelo Pe. Doutor José Galdes Freire

Um grupo de médicos de Castelo Branco, tendo como dinamizador o dr. António Lourenço Marques, e o Museu Regional de que é director o dr. António Forte Salvado, projectaram e levaram a efeito nos dias 31 de Março, 1 e 2 de Abril, as *I Jornadas sobre Medicina na Beira Interior, da pré-história ao século XIX*.

A iniciativa recolheu o apoio de várias entidades superiores, ligadas à Medicina e à Cultura (além de organismos oficiais) e concitou a colaboração de duas dúzias de conferencistas, versados uns em História da Medicina, outros no próprio exercício desta arte, outros ainda interessados na medicina popular e etnográfica ou até talvez movidos pelo brio regionalista de marcar presença na capital da sua província.

Não pretendemos fazer uma “reportagem” do que se passou nas jornadas nem mencionar sequer (e muito menos resumir) o contributo de todos os conferentes.

Notámos a presença sempre estimulante de professores universitários que de Lisboa, Coimbra e Porto acorreram para homenagear ilustres médicos da Beira Interior. Entre os mais lembrados contam-se o grande Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco) e o dr. Henrique Jorge Henriques (ambos do século XVI); mais próximo de nós os drs. José António Morão (séc. XIX), sobre o qual o director da Biblioteca Municipal de Castelo Branco distribuiu uma monografia; e ainda o nosso contemporâneo, dr. José Lopes Dias, figura de proa na medicina, na assistência, na cultura, e no ensino. Uma das comunicações tratou de um tema sempre notado: *Médicos-escretores na Beira Interior*. Verificado como está que muitos médicos cultivam as ciências, a ficção, a poesia, a história, etc... foi apresentada uma colecção já rica de nomes.

A História propriamente dita procurou temas hoje em voga como a morte e formas de morrer, o termalismo na Beira Baixa, a assistência em Castelo Branco no fim do séc. XV e princípios do séc. XVI e a Misericórdia do Fundão no século XIX, etc...

Inevitável seria que as formas de medicina popular atraíssem a atenção dos colaboradores: aspecto este que foi tratado em especial no referente às aldeias da Serra da Gardunha e ao concelho de Proença-a-Nova.

Referiu-se a esta última zona a recém-lançada escritora de *A Flor do feto real* (1988), a qual se ocupou também de práticas mágicas e exorcismos.

Assim se passou para um campo afim, o da etnologia, recolhido sobre ex-votos e amuletos da Beira Interior na colecção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Mencionámos as grandes áreas em que podem subdividir-se os temas apresentados. Não queremos entrar em pormenores; e parece-nos que não seria oportuno distinguir aqui nominalmente um ou outro orador e o seu tema.

Não podemos, no entanto, omitir aqueles que contribuíram para que as jornadas não fossem meras sessões de conferências, mas se tornassem também exposições para agradar à vista. Em primeiro lugar, mercê da colaboração da sr^a. D. Zita Mendonça Namora, foram apresentadas Pinturas de *Fernando Namora* (médico tão ligado a Tinalhas e Monsanto). O esforço sempre renovado do director da Biblioteca Municipal, dr. Ernesto Pinto Lobo, seleccionou a bibliografia de *Médicos-autores, naturais da Beira Interior*.

Deixando aqui, embora *de passagem*, uma referência às I Jornadas de Medicina na Beira Interior, queremos felicitar os seus promotores e formular o voto por que estudos deste género continuem a ser estimulados. Ficou provado que não faltam colaboradores, vindos alguns de longe, trazendo cada um o contributo da sua especialidade. A Medicina, de facto, interessa muitos e variados ramos do saber. O que se fez agora em Castelo Branco é já uma preciosa amostra.

Diário De Coimbra

Jornal de História da Medicina na Beira Interior - para o ano há mais

As primeiras jornadas de História da Medicina na Beira Interior realizadas no passado fim de semana em Castelo Branco foram um êxito e novas estão marcadas para o próximo ano. O tema será, em princípio, "A velhice, a doença e a morte".

Com esta iniciativa pretendeu-se reunir um conjunto de especialistas das diferentes áreas das Ciências Humanas, para, na realidade cultural e existencial da Beira Interior e numa perspectiva diacrónica, se tentar compreender uma das preocupações maiúsculas do ser humano: a luta

contra a doença e a morte.

As 18 comunicações apresentadas abrangeram um vasto leque de reflexões, desde a biografia detalhada de médicos oriundos da Beira Interior que se distinguiram pelo seu valor científico elou literário, passando por problemas relacionados com a ética do exercício da medicina, até aquilo que um conferencista chamou a "etno-medicina", vulgarmente designada por medicina popular.

Medicina é ou não é!

Devido ao carácter descritivo da maioria das comunicações, o debate não foi, na generalidade dos casos, aceso. Houve, no entanto, alguns assomos de discussão em momentos diversos, de que salientamos, pela sua radicalidade, as intervenções do médico Alfredo Rasteiro, da Universidade de Coimbra.

A sua comunicação teve por base a figura de Amato Lusitano e quis provar que, se um médico mata deve ficar impune, mas se um curioso o faz (e estávamos então no século XVI onde os médicos não abundavam e os mestres barbeiros eram, muitas vezes, o único recurso da população...) deve ser severamente castigado. Chamou a este processo "solidariedade entre médicos". Foi ganhando a última palavra, mais por uma persistência obstinada do que pelo real valor dos seus argumentos. E depois de uma incursão no século XIX, utilizando, para confirmar as suas afirmações, uma passagem de *A Morgadinha dos Canaviais*, onde Júlio Dinis "passa com a estrada do progresso por cima da casa e de toda a extensão do horto do herbanário Tio Vicente" remata lapidarmente: "Que vem a ser medicina popular, medicinas paralelas, medicinas qualquer coisa? Medicina é ou não é!, sem qualificativos, com letra grande".

Este radicalismo, se não divertiu, também não perturbou os outros comunicantes e assistentes. E surgiram estudos curiosos sobre termalismo, medicina popular e até amuletos, ex-votos e práticas mágicas. Todos eles na tentativa de contribuir para uma história da medicina cuja falta deve ser colmatada, visto que, tal como afirmou a historiadora Iria Gonçalves "a medicina tem a ver com tudo o que é e o que foi o Homem".

Apesar de ser considerado importante desde há muito (este ensino já é visado na Reforma de 1755) o primeiro professor a leccionar a disciplina de História da Medicina foi Assis Vaz em 1825, na Universidade do Porto. Desde então, e sediados igualmente no Porto, existiram três catedráticos: Maximiano Lemos, Luis de Pina e a actual directora do Museu de História da Medicina Maria Olívia Ruber de Meneses.

Conclusões e homenagens

No último dia dos trabalhos todos os presentes consideraram que as jornadas foram muito importantes, pois ficou mais uma vez provada a necessidade determinante da interdisciplinaridade para o estudo da realidade cultural em geral, e, no caso particular, da Beira Interior. Ficou decidido que estas jornadas se realizarão anualmente e serão centralizadas em torno de um tema específico. Foi sugerido que o próximo tema fosse “a doença, a velhice e a morte na Beira Interior”.

Julgou-se ainda oportuno - dada a importância de muitas obras de grandes médicos dos séculos XVI e XVII manuscritas em Latim ou Castelhana - alertar para a necessidade da sua tradução em português, por especialistas, a fim de servirem de base de estudo sobre as mais diversas matérias.

Apesar da escassa comparência dos médicos da região (foram todos contactados, individualmente, por escrito), poderão, daqui a algum tempo, ler as comunicações apresentadas, pois está prevista a sua publicação.

Paralelamente aos trabalhos, prestou-se homenagem a duas grandes figuras de médicos que exerceram na região: José Lopes Dias e Fernando Namora. Realizaram-se ainda, no Museu Tavares Proença, duas exposições: uma, bibliográfica, organizada pela Biblioteca Municipal de Castelo Branco “Médicos - autores naturais da Beira Interior”, e “Pinturas de Fernando Namora”, gentilmente proporcionadas pela viúva D. Zita Mendonça Namora.

MD

Gazeta do Interior

Homenagear as centenas de beirões

Homenagear as centenas de beirões que desde o século XVI têm procurado as Faculdades de Medicina portuguesas e estrangeiras é um dos objectivos das jornadas de Medicina, que decorreram em Castelo Branco.

As jornadas sobre “A Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao século XIX” reuniram naquela cidade dezenas de médicos e outros tantos interessados na ciência médica.

António Lourenço, médico que fez parte da Comissão Executiva, disse que as jornadas pretenderam ainda que se clarifiquem alguns aspectos, que, ao longo do tempo, foram definindo o viver do homem daquela região interior do País.

Da Arqueologia à História das Ideias, da Antropologia à Sociologia, da Geografia à Botânica, da Anatomia à Fisiologia, da Filosofia à Literatura e Linguística ou à História Política Económica e Social.

“Em todas estas ciências poderão ser detectadas as componentes que são características originais daquela realidade cultural e existencial que forma a Beira Interior, na vertente que desde sempre tem preocupado o homem: “A luta contra a doença e a morte” - salientou.

Paralelamente à apresentação das comunicações, no Museu Tavares Proença Júnior estiveram patentes duas exposições: uma de artes plásticas de artistas médicos e outra bibliográfica sobre médicos nascidos na Beira Interior.

Diário de Coimbra



A mesa que presidiu à sessão inaugural. No uso da palavra o dr. Lourenço Marques.

Desenvolvimento das Jornadas

Na sessão de abertura fez a apresentação da iniciativa e exprimiu a alegria da Comissão Organizadora por ver concretizado o seu projecto, o dr. António Lourenço Marques, o grande dinamizador da iniciativa por parte do Grupo de Médicos.

Historiou brevemente como se processou a concretização da ideia, com estas palavras:

“Do contacto entre elementos da Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos, de um grupo de médicos residentes em Castelo Branco e em particular do Exmo. Director do Museu Tavares Proença Júnior, foi-se corporizando a intenção de, através da Medicina, como dissemos, levar a efeito um conjunto de sessões que constituíssem motivo de reflexão e de estudo àcerca da realidade antropológica da Beira Interior através dos tempos. Estas jornadas, queremos afirmá-lo, constituem também algo como que uma homenagem às centenas e centenas de beirões que, pelo menos desde o século XVI, têm procurado as faculdades de medicina portuguesas e estrangeiras para aí aprenderem a arte de Esculápio e que através desse saber e da sua aplicação ajudaram a minimizar o sofrimento humano, contribuindo ainda para a formação de uma nova mentalidade, que é afinal a mentalidade dos tempos modernos”.

Referiu ainda as duas exposições que iriam figurar nas Jornadas, tendo algo a ver com a medicina e

destacou ainda o diaporama sobre a vida de Fernando Namora, no que ela tem de ligação com esta zona da Beira Interior, onde trabalhou. Aliás uma das exposições é constituída por quadros de Fernando Namora, com a colaboração e gentileza de D. Isaura Mendonça Namora. A exposição bibliográfica foi possível graças à colaboração e empenhamento do director da Biblioteca Municipal, dr. Ernesto Pinto Lobo.

O dr. Lourenço alargou ainda os seus agradecimentos às instituições, entidades e a quantos colaboraram na realização da iniciativa.

As Jornadas tiveram como objectivo levar a efeito, numa perspectiva interdisciplinar e tendo como pólo referenciador aquilo a que usualmente se chama de Medicina, um encontro de especialistas das diferentes áreas das Ciências Humanas que encontrem a substância das suas comunicações na realidade cultural da Beira Interior.

Esta iniciativa pretende, segundo os seus organizadores, que a partir duma vastíssima gama de testemunhos se clarifiquem aspectos que ao longo do tempo foram definindo o viver do homem nesta região do Interior português.

Assim, da Arqueologia à História das Ideias, da Antropologia à Sociologia, da Geografia à Botânica, da Anatomia à Fisiologia, da Filosofia à

Literatura e à Linguística, da História Política e Institucional à História Económica e Social, “em todas estas ciências, julgamos, poderão ser detectadas as componentes que são características originais daquela realidade cultural e existencial que forma a Beira Interior, na vertente que desde sempre tem preocupado o homem: a luta contra a morte”, explica a organização.

Comunicações: riqueza a não perder

Foram 19 comunicações apresentadas por especialistas sobre temas relacionados com a medicina e com médicos da Beira Baixa. Uma soberba colectânea de trabalhos de alto valor histórico e cultural que seria uma pena ficarem apenas nos arquivos dos apreciadores. Por isso, a organização decidiu, em boa hora, reuni-los em volume tornando assim mais fáceis a sua aquisição e leitura.

Conclusões:

1. Que os objectivos que norteavam a realização das I Jornadas da História da Medicina na Beira Interior, da pré-história ao séc. XIX, foram atingidos numa medida muito razoável. O carácter interdisciplinar ficou bem salientado, evidenciando-se à necessidade da colaboração das várias áreas do conhecimento.

A perspectiva temporal escolhida como suporte para o desenvolvimento dos trabalhos foi cumprida, com comunicações que foram da realidade da pré-história até ao séc. XIX.

2. Os participantes e comunicantes sugeriram que, dado o reconhecimento generalizado pelo trabalho desenvolvido, seja estabelecido um programa de continuidade, com a realização de pelo menos umas jornadas anuais, constituindo a Beira Interior, um dos aspectos culturais, uma região que merece, nesta perspectiva da Medicina, como pólo aglutinador das Ciências Humanas, a insistente atenção dos investigadores de variadíssimas áreas do saber.

3. Devem ser desenvolvidos mecanismos no sentido de procurar que especialistas levem a efeito a tradução das obras de autores médicos da Beira Interior, escritas em Latim, para que os investigadores possam aproveitá-las como fontes riquíssimas de estudo.

4. Considerando a riqueza e a inovação de muitas das comunicações apresentadas, a Comissão Executiva procederá à sua publicação.

Reconquista



D. Isaura, viúva de Fernando Namora, José da Costa Carvalhão e Dr. António Salvado, antes da inauguração da exposição do grande escritor que ali foi recordado.

Exposições: um complemento

As exposições foram inauguradas no sábado, dia 1, tendo despertado grande interesse, a começar na da pintura de Fernando Namora. São 17 quadros, com motivos, a maioria, ligados à nossa região. Através deles o grande escritor afirma-se também artista plástico, denotando extraordinária sensibilidade e grande expressão e comunicabilidade.

O diaporama, a seguir exibido, recordando os tempos de Fernando Namora, em Monsanto, é uma feliz reconstituição. Interpreta com muita fidelidade os esta dos de espírito do escritor e reproduz com exactidão os locais mais significativos da aldeia mais portuguesa. Tudo envolvido num ambiente dominado pela beleza e arte que lhe dão a cor,

o fundo musical e a locução harmoniosa.

A exposição bibliográfica impõe-se pela abundante e rara documentação relacionada com a medicina e com médicos da Beira Baixa. Prendem interessadamente os visitantes, muitos dos quais médicos e professores não se dispensaram de passar para canhenhos notas e pensamentos.

Fernando Namora

Foi por um dia de 1944, aqui em Castelo Branco, que Fernando Namora, na altura médico em Tinalhas, realizou a sua primeira exposição de pintura. "Tanto a medicina como a arte - escreveu Namora - embora por meios diferentes nos defendem das agressões e das obscuridades..."

Então, esta região da Beira Interior era, na sua exemplar definição "um mundo de primarismos e servidões, por isso áspero e implacável". Teria sido essa exposição de 1944 o fruto da tentativa de fuga a esse mundo? Seria essa a motivação que o levou a pintar os rudes fraguados de Monsanto, o rosto marcado pelo calor de muitos sóis do camponês de Tinalhas, ou os telhados de Ninho do Açor banhados pela luz vermelha dum entardecer?

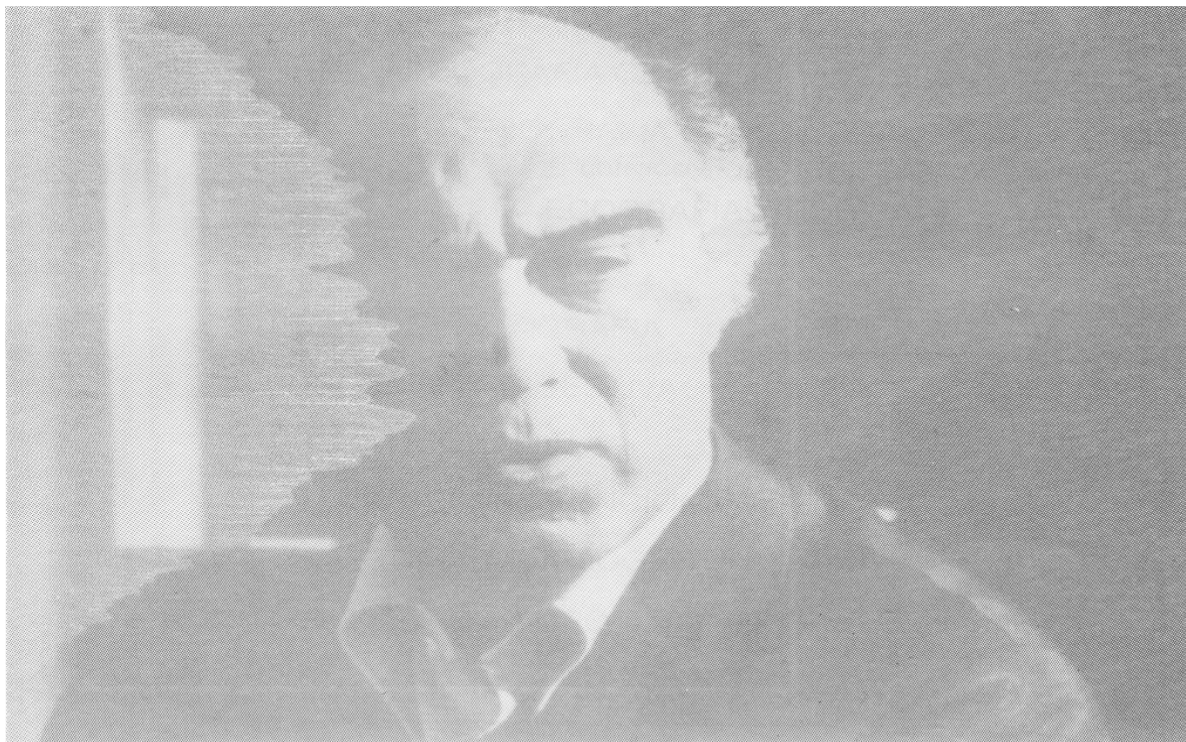
Será a sua pintura reflexo de inquietude, fruto da "necessidade de testemunho imediato" ou um meio de assumir e reinventar o mundo? Ouçamos Namora: "Na fase da imaturidade, em que podem coincidir diversos veículos de comunicação, a poesia e a pintura acertam melhor, cuido eu, com a inquietude da adolescência: um poema, um desenho podem

servir e esgotar a necessidade do testemunho imediato...". Mas escreveu também: "...Que é para nós a arte? Um abrir de entranhas? Uma compensação para as amarguras ou frustrações da existência? Um testemunho pelo qual se assume e reinventa o mundo?". Pensamos que, na pintura de Fernando Namora, perpassam, amalgamadas, todas estas interrogações.

Acerca da sua própria obra de pintor escreveu Fernando Namora: "Ainda hoje sou um pintor de domingos, que aliás precedeu as tentativas literárias. Mas não demorei a aperceber-me de que a literatura, no meu caso, me oferecia mais latas possibilidades de expressão (...). Cada qual escolhe o instrumento que mais lhe quadra ou para que se sente mais fadado". E ainda: "Como cultor das artes plásticas nunca passei do amadorismo e por aí, é evidente, desejo quedar-me. Chega-me o amor que lhe tenho".

Esta exposição é a resposta a esse Amor. A homenagem ao médico e ao artista que tão profundamente amou as terras e as gentes desta região da Beira Interior.

In Programa de Exposição *Pinturas de Fernando Namora*



Fernando Namora